

II seminário imagem tecnologia e subjetividade

BIOPOLÍTICAS DO FUTURO

2 e 3 de dezembro de 2019

Programa de Pós-graduação em Comunicação
Universidade de Brasília

grupo de pesquisa
IMAGEM
TECNOLOGIA
SUBJETIVIDADE



SEMINÁRIO BIOPOLÍTICAS DO FUTURO

Programa de Pós-Graduação em Comunicação - UnB
Linha de pesquisa: Imagem, Estética e Cultura Contemporânea

Dias: 25 a 29 de novembro, 2 e 3 de dezembro de 2019

Local: FAC-UnB

ORGANIZAÇÃO

Grupo de pesquisa Imagem, tecnologia e subjetividade (PPGCOM UnB/CNPq)

COORDENAÇÃO GERAL

Cláudia Linhares Sanz e Mirella Ramos Costa Pessoa

COMITÊ ORGANIZADOR

Adriano Vinicius Leite Fernandes
Fabiane da Silva de Souza
Fabiola Calazans
Ingridde Engel Alves dos Santos
Letícia Panzette de Oliveira
Luanda Maria Campelo Albuquerque
Vanessa Santos de Freitas
Vicente Paulo Sene Sousa

COMITÊ CIENTÍFICO

Dra. Cláudia Linhares Sanz (UnB)
Dra. Fabiola Calazans (UnB)
Dra. Paula Sibilia (UFF)
Dr. Stefan Willer (HUMBOLDT)
Dr. Tiago Quiroga Fausto Neto (UnB)

ALUNOS ESTAGIÁRIOS

Aliane Agnes Cunha Braga
Amanda Bernardes de Araujo
Andressa Pereira Gama
Carolina Soares Lima dos Santos
Emerson Leonardo Ramos Anghinetti
Giovanna Steckelberg dos Santos Teixeira Camargo
Isabela Braga
Julia Beatriz Lucena de Menezes
Kildery Oliveira Farias
Lucas Freire Vaz
Thaís Ramos Barbosa
Uriel Ricardo de Araújo



INTÉRPRETES

Amanda Cavalcante Pereira
Cristiana Santos da Silva Ribeiro
Júlia Cristina Valverde da Silva
Letícia Oliveira
Luíza Chaves de Carvalho

MEDIADORES NA CONVOCATÓRIA

Christiana Freitas
Cláudia Linhares Sanz
Fabiane de Souza
Fabíola Calazans
Gabriela Freitas
Ingridde Engel
Luanda Campelo
Mirella Pessoa
Rainri Back
Tiago Quiroga

REDAÇÃO DE TEXTOS:

Cláudia Linhares Sanz
Fabiane de Souza
Mirella Pessoa

REVISÃO: Fabiane de Souza

TRADUÇÃO DE TEXTOS: Letícia Oliveira

PROGRAMAÇÃO VISUAL DOS MATERIAIS IMPRESSOS

Fabiane de Souza
Luanda Campelo
Mirella Pessoa
Vanessa Santos

Edição do blog e redes sociais: Vanessa Santos

Coord. da convocatória: Mirella Pessoa e Adriano Fernandes

Coord. do curso Fantasias da Prevenção: Fabiane de Souza

Coord. de credenciamento: Ingridde Engel

Coord. de equipe de tradução: Letícia Oliveira

PARCERIAS

Grupo de pesquisa Genealogias da Imagem e do Corpo (UFF/CNPq)

Grupo de Pesquisa Ambiente 33 - Espacialidades, Comunicação, Estética e Tecnologias (UnB/CNPq)

Projeto de extensão Semillero: Semeadores de Investigação: Educação, Transformação e Alegria na prática docente

Projeto de extensão: práticas e reflexões acerca da imagem nos processos formativos
Universidade Humboldt, Berlin



Sumário

Breve fundamentação teórica	5
Objetivos.....	5
Justificativa.....	6
Curso Fantasias da prevenção	6
Convocatória para apresentação de trabalhos	7
Eixos para apresentação de trabalhos	7
Programação das mesas	8
Caderno de resumos.....	14



II seminário imagem, tecnologia e subjetividade

BIOPOLÍTICAS DO FUTURO



BREVE FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

De que maneira a biopolítica contemporânea se relaciona com os modelos temporais – acelerados, ininterruptos, preventivos e prescritivos – que se impõem na vida cotidiana atual? De que modo o governo neoliberal de condutas produz e se apoia em formas próprias de planejar, sentir e sonhar os tempos que estão por vir? Quais seriam as ressonâncias dessas biopolíticas do tempo no contexto latino-americano e, em especial, no brasileiro?

De fato, o modo como imaginamos, prevemos e sentimos o futuro tornou-se uma peça fundamental da governamentalidade neoliberal, engrenagem imprescindível de uma racionalidade que trabalha fazendo os sujeitos assumirem plenamente a responsabilidade do porvir. O futuro se constitui como um dos mais importantes dispositivos do poder contemporâneo; dispositivo que atravessa campos sociais diversos como a comunicação, saberes e práticas psiquiátricas, novas terapêuticas psicanalíticas, enunciados médicos, narrativas, práticas e reformas educacionais, discursos políticos e eleitorais.

Nesse sentido, colocar o futuro em perspectiva a partir das análises da biopolítica significa pensar e investigar de que modo a temporalidade tem se configurado como dimensão fundamental de um tipo de poder que articula o controle das condutas ao controle das expectativas, o domínio da temporalidade acelerada e contínua ao domínio de um futuro cada vez menos passível de ser inventado e modificado coletivamente. Essas são algumas das questões que gostaríamos de debater no Seminário Biopolíticas do Futuro.

OBJETIVOS

O Seminário objetiva investigar os deslocamentos contemporâneos na maneira como imaginamos, tememos, sonhamos ou planejamos o futuro; aprofundar a reflexão acerca das relações entre senso de futuro e biopoder; contribuir para a reflexão teórica acerca das imagens de futuro no Brasil; fortalecer as redes nacionais de pesquisa interdisciplinar acerca do tema; aprofundar as relações entre ensino, pesquisa e extensão; contribuir para a geração de redes transdisciplinares de pensamento acerca das biopolíticas do tempo em escala local e internacional; fortalecer as redes de cooperação internacional; organizar e incentivar exercícios de diálogo entre discursos acadêmico-técnico-científicos e discursos de outras práticas socioculturais e políticas.

JUSTIFICATIVA

A história do futuro é, na realidade, a história do presente – o modo como somos capazes de (num certo hoje) sonhá-lo, temê-lo ou prevê-lo. São as imagens do futuro que, numa certa época, revelam não tanto o que virá, mas o tempo que as produziu. Aliás, a história do porvir é também a história das imagens, do que é possível ver como futuro; do que, do amanhã, pode tornar-se visível. Se o futuro ainda está por vir, sua experiência, portanto, se constitui no hoje. É em cada agora que, entrelaçado aos jogos de poder, um certo senso de futuridade emerge, absolutamente marcado pelo campo de visibilidade que o faz nascer. É em cada atualidade que um determinado sentimento de futuro aflora – esculpido no trabalho entre imaginação e ciência; esperança e medo; discurso e verdade; visibilidade e suas maquinarias diversas; vigilância e controle. Configurado pelo cruzamento de narrativas diversas e heterogêneas – produzidas pela tecnociência, pela academia, pela mídia, pela arte, pela educação, pelos inúmeros dispositivos tecnológicos e pela cultura de um modo geral –, nosso senso de futuro está profundamente articulado aos dispositivos e mecanismos da governamentalidade. O futuro não está apartado, portanto, das lutas sociais, dos inúmeros enunciados circulantes; dos conflitos e disputas econômicas; dos olhares e saberes de uma época, dos diagramas hegemônicos e do controle das condutas; das resistências possíveis e da capacidade de imaginação de uma atualidade. Muito pelo contrário, nossa futuridade é visceralmente tecida nesse jogo cartográfico, jogo do qual a própria existência do sujeito não está livre.

Trata-se de investigar de que modo a temporalidade tem-se configurado como dimensão fundamental de um tipo de poder que articula o controle das condutas ao controle das expectativas, o domínio da temporalidade acelerada ao domínio de um porvir cada vez menos passível de ser inventado coletivamente. Não se trata, entretanto, apenas de analisar a constituição do senso contemporâneo de futuro a partir de suas variadas relações com a governamentalidade neoliberal. Trata-se de fazê-lo a partir do Brasil: pensar, a partir de nossa cultura e de nossos temores, a nossa própria história, nosso imaginário e também nossas perspectivas. Como se sabe, temos sido uma promessa, profecia eternamente adiada e não cumprida, e nosso caminho está repleto de referências ao porvir. Em nome do futuro, não apenas reclames de transformações e projetos emancipatórios nem somente reformas educacionais; também gigantescas atrocidades fizeram a história deste *país do futuro*. Cabe agora, a partir de uma perspectiva crítica, pensarmos outros conceitos e outras aberturas de presentes.

CURSO FANTASIAS DA PREVENÇÃO

O curso *Fantasia da prevenção no cinema americano*, ministrado pelo professor convidado Stefan Willer (Universidade Humboldt) e pela professora Claudia Linhares Sanz (FE/PPGCOM-UnB), corresponde a uma disciplina intensiva do Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPG FAC-UnB), sendo também uma das atividades II Seminário Imagem, Tecnologia e Subjetividade: Biopolíticas do Futuro. O curso acontecerá entre os dias 25 e 29 de novembro, nas dependências do Programa de Pós-Graduação em Comunicação, da UnB.

O curso discute a relevância social da prevenção e investiga o momento em que ela se consolidou nas representações ficcionais. Começaremos determinando a base das doutrinas de prevenção nas práticas de seguro e precaução; a seguir, a teorização a partir da estrutura sociológica do risco; e seu atual papel nos debates médicos, militares e políticos. O elemento central do curso será as diversas representações cinematográficas nos Estados Unidos desde 1960. Como esses filmes lidam com a estrutura prospectiva do pensamento preventivo? Como contemplam a noção de poder e suas potenciais consequências?

CONVOCATÓRIA PARA APRESENTAÇÃO DE TRABALHOS

Com o objetivo de fomentar o pensamento crítico e a formação de redes interdisciplinares de investigação acerca das transformações do contemporâneo, o grupo de pesquisa Imagem, tecnologia e subjetividade (UnB/CNPq) e seus parceiros organizaram uma convocatória para apresentação de trabalho no II Seminário Imagem, Tecnologia e Subjetividade: Biopolíticas do Futuro, a ser realizada nos dias 2 e 3 dezembro, no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade de Brasília.

Propondo uma perspectiva interdisciplinar, a convocatória objetiva contribuir para a investigação crítica acerca das narrativas contemporâneas de futuro e aprofundar coletivamente as reflexões em torno dos modos como imaginamos, planejamos, prevemos e, finalmente, narramos o que virá. A partir do compartilhamento das pesquisas, fortalecer o diálogo em torno da história do porvir, da sua configuração atual e de seus efeitos tanto na constituição da subjetividade quanto nas configurações dos jogos políticos. Desse modo, ampliar redes transdisciplinares de pensamento acerca das biopolíticas do tempo efetivadas em escala local e internacional. Organizar e incentivar, desse modo, exercícios de diálogo entre práticas e discursos socioculturais diversos.

EIXOS PARA APRESENTAÇÃO DE TRABALHOS

- Histórias e epistemologias do futuro
- Progresso, modernidade e poder
- Risco, cultura da antecipação e prevenção
- Futuro e governamentalidade
- Aceleração e biopolíticas do tempo
- Algoritmos, prescrições e governo de condutas
- Educação, política e futuro
- Vigilância, algoritmo e futuro
- Mídia, futuro e neoliberalismo
- Tecnociência e futuridade
- Corpo, subjetividade e futuro
- Brasil e o imaginário de um país do futuro

PROGRAMAÇÃO DAS MESAS

SEGUNDA-FEIRA - 2 de dezembro

8h00-9h45 Credenciamento

10h00-12h00 **Abertura:** Biopolíticas do Futuro, com Cláudia Linhares Sanz (UnB) e Stefan Willer (Universidade Humboldt)

Mesa 1

<p>2 de dezembro 14h00-15h30 Sala 1 PPG-FAC</p>	<p>EIXO: Progresso, modernidade e poder Mediação: Fabíola Calazans</p> <p>Wladimir Silva Machado (Vale do São Francisco) Da celeridade à lentidão: por uma crítica do progresso no imaginário da modernidade</p> <p>Yasmin Santos da Silva Fernandes Adorno (UFRJ) Linhas do progresso</p> <p>Fabiane de Souza (UnB) Contra o progresso, escovar a história a contrapelo</p>
---	--

Mesa 2

<p>2 de dezembro 14h00-15h30 Sala 2 PPGCOM</p>	<p>EIXO: Brasil e o imaginário de um país do futuro Mediação: Tiago Quiroga</p> <p>Marc Berdet (UnB) Brasília, capital da modernidade barroca</p> <p>Rhaysa Novakoski Carvalho (UnB) Em esferas e planos: reflexões sobre o imaginário de progresso em Guimarães Rosa</p> <p>Lúcio Pereira Mello (UnB) A "antropomatutologia" de Fábio Biroli: imagens de um rural brasileiro espremido entre rugosidades do passado e promessas de futuro</p>
--	--

COFFEE BREAK 15h30-16h00

Mesa 3

<p>2 de dezembro 16h00-18h00 Sala 1 PPGCOM</p>	<p>EIXO: Tecnociência e futuridade Mediação: Christiana Freitas</p> <p>Alexandro Uguccioni Romão (Estácio) A concepção de self humano na episteme algorítmica: previsão de comportamento do público e antecipação de padrões futuros</p> <p>Viviane da Rocha Soares (UnB) Neoliberalismo e a produção de linguagem no contexto dos dispositivos de machine learning (inteligência artificial): o problema da comunicabilidade nas organizações</p> <p>Síndia Cristina Martins dos Santos (UERJ) Marca do diabo, filhas do desejo. Como atravessar o ressentimento: tecnologias de re-existência. Das bruxas aos algoritmos</p> <p>Pedro Willian Dourado Teixeira (UnB) O corpo virtual e suas implicações em um mundo digital</p>
--	--

Mesa 4

<p>2 de dezembro 16h00-18h00 Sala 2 PPGCOM</p>	<p>EIXO: Algoritmos, prescrições e governo de condutas Mediação: Cláudia Linhares Sanz</p> <p>Rainri Back (UnB) Algoritmo e modulação da temporalidade</p> <p>Luanda Maria Campelo Albuquerque (UnB) A problemática do tempo nas matrizes algorítmicas contemporâneas</p> <p>Everton Frask Lucero (UnB) Ciberespaço e ciberpolítica numa sociedade governada por algoritmos</p> <p>Davi Maranhão De Conti (UFG) Biopolítica e psicopolítica</p>
--	--

TERÇA-FEIRA - 3 de dezembro

Mesa 5

<p>3 de dezembro 9h00-10h30 Sala 1 PPGCOM</p>	<p>EIXO: Histórias e epistemologias do futuro Mediação: Gabriela Freitas</p> <p>Aline Matos da Rocha (UnB) O corpo colonial em Michel Foucault: reflexões em torno de uma vacuidade no pensamento foucaultiano</p> <p>Anna Cristina de Araújo Rodrigues (Ida - UnB) Tempo e utopia - A fotografia de Zofia Rydet</p> <p>Giovanna Quaglia (Metafísica - UnB) Órfãos do capitalismo</p>
---	---

Mesa 6

<p>3 de dezembro 9h00-10h30 Sala 2 PPGCOM</p>	<p>EIXO: Aceleração e biopolíticas do tempo Mediação: Luanda Campelo</p> <p>Mirella Ramos Costa Pessoa (UnB) Velhice como futuro e as biopolíticas do tempo: o perigo de viver demais</p> <p>Manuela Arruda Galindo (UFF) 24 horas de presente: futuro e efemeridade nas telas digitais</p> <p>Luis Celestino de França Júnior (UFCA) e Rosa Ravena Alves dos Santos (UFCA) Necropolítica</p>
---	---

Mesa 7

<p>3 de dezembro 10h45-12h15 Sala 1 PPGCOM</p>	<p>EIXO: Progresso, modernidade e poder Mediação: Fabiane de Souza</p> <p>Tatiana Castro Mota (UnB) Brasil e seus sentidos de progresso: forjando um futuro no apagamento do passado</p> <p>Rosemary Lopes Ferreira (UnB) Flanando sobre a modernidade</p> <p>Ingridde Engel Alves dos Santos (UnB) Imagens do futuro nos museus: entre sonhos de progresso e o porvir contemporâneo</p>
--	--

Mesa 8

<p>3 de dezembro 10h45 – 12h15 Sala 2 PPGCOM</p>	<p>EIXO: Mídia, futuro e neoliberalismo Mediação: Tiago Quiroga</p> <p>Marcelo Almeida Duarte (UFMT) e Deyvisson Pereira da Costa (UFMT) Limiar da morte: jornalismo e biopolítica</p> <p>Simão Farias Almeida (UFRR) A economia da adaptação climática em tempo de mitigação: leitura pós-colonial de livro-reportagem sobre aquecimento global</p> <p>Guilherme Macedo Silva (UFCA) Poder, corpo e sexualidade: uma possível análise das eleições de 2018 no Brasil</p>
--	---

INTERVALO PARA ALMOÇO

Mesa 9

<p>3 de dezembro 14h00 – 15h30 Sala 1 PPGCOM</p>	<p>EIXO: Corpo, Subjetividade e Futuro Mediação: Mirella Ramos Costa Pessoa</p> <p>Angélica Fonsêca de Freitas (UFF) A maternidade assistida: ambivalências dos discursos sobre barrigas de aluguel, técnicas de reprodução e fertilidade na internet</p> <p>Mayllon Lyggon de Sousa Oliveira (FIC/UFG) e Suely Henrique de Aquino Gomes (FIC/UFG) Fruto da era farmacográfica: ensaio teórico sobre passado, presente e futuro da PrEP</p> <p>Vanessa Santos de Freitas (UnB) Biopolítica e velhice: gestão de corpos na contemporaneidade</p>
--	---

Mesa 10

<p>3 de dezembro 14h00-15h30 Sala 2 PPGCOM</p>	<p>EIXO: Tecnociência e futuridade Mediação: Rainri Back</p> <p>Ana Saggese (UnB) Antropodificação e outras metamorfoses</p> <p>Maria Fernanda Battaglin Loureiro (UFPR) O reconhecimento facial e as fragilidades da proteção jurídica sob a perspectiva da biopolítica foucaultiana</p> <p>Paula Cardoso Pereira (UFRJ) Futuros algorítmicos: regimes de temporalidade da inteligência artificial</p>
---	---

COFFEE BREAK 15h30-16h00

Mesa 11

<p>3 de dezembro 16h00-18h00 Sala 1 PPGCOM</p>	<p>EIXO: Educação, política e futuro Mediação: Cláudia Linhares Sanz</p> <p>Alexandre de Oliveira Pereira (SE-GO) e Jéssyca Lorena Alves Bernardino (SE-GO) Exterminador do futuro: o impacto do neoliberalismo na educação no Brasil</p> <p>Regiane Lorenzetti Collares (UFCA) e Luis Celestino de França Júnior (UFCA) Penumbra do futuro: quando as instituições de ensino estão a serviço do mercado</p> <p>Ilana Feldman (ECA/USP) O que podem as séries de TV face à violência de Estado? Pedagogia, política e futuro</p> <p>Isabela Dias Braga (UnB) e Fabíola Orlando Calazans (UnB) Suicídio juvenil e cultura do desempenho: uma análise sobre o discurso do desempenho na mídia brasileira</p>
---	--

Mesa 12

3 de dezembro 16h00-18h00 Sala 2 PPGCOM	EIXO: Futuro e governamentalidade Mediação: Ingridde Engel Yanet Castellanos Arguelles (UnB) Abertura ao neoliberalismo em Cuba: realidade ou especulação? Uma análise dos discursos midiáticos acerca do futuro do regime socialista em Cuba Adriano Vinícius Leite Fernandes (UnB) Fascismo e a comunicação: como o totalitarismo utiliza a mídia como um meio de articulação comunicacional Letícia Panzette de Oliveira (UnB) Bolsonaro, Trump e Bannon: o futuro nas imagens da política contemporânea Kaique Agostineti (UnB) Globalitarismo, militarização e endocolonização em Paul Virilio
--	--

18h00 Plenária final: avaliação do evento e perspectivas futuras.

CADERNO DE RESUMOS

1. Da celeridade à lentidão: por uma crítica do progresso no imaginário da modernidade	15
2. Linhas do progresso	16
3. Contra o progresso, escovar a história a contrapelo	17
4. Brasília, capital da modernidade barroca	18
5. Em esferas e planos: reflexões sobre o imaginário de progresso em Guimarães Rosa	19
6. A “antropomatutologia” de Fábio Biroli: imagens de um rural brasileiro espremido entre rugosidades do passado e promessas de futuro	20
7. A concepção de self humano na espisteme algorítmica: previsão de comportamento do público e antecipação de padrões futuros	21
8. Neoliberalismo e a produção de linguagem no contexto dos dispositivos de machine learning (inteligência artificial): o problema da comunicabilidade nas organizações	22
9. Marca do diabo, filhas do desejo. Como atravessar o ressentimento: tecnologias de re-existência. Das bruxas aos algoritmos	23
10. O corpo virtual e suas implicações em um mundo digital	24
11. Algoritmo e modulação da temporalidade	25
12. A problemática do tempo nas matrizes algorítmicas contemporâneas	26
13. Ciberespaço e ciberpolítica numa sociedade governada por algoritmos	27
14. Biopolítica e psicopolítica	28
15. O corpo colonial em michael foucault: reflexões em torno de uma vacuidade no pensamento foucaultiano	29
16. Tempo e utopia – a fotografia de Zofia Rydet	30
17. Órfãos do capitalismo	31
18. Velhice como futuro e as biopolíticas do tempo: o perigo de viver demais	32
19. 24 horas de presente: futuro e efemeridade nas telas digitais	33
20. Necropolítica	34
21. Brasil e seus sentidos de progresso: forjando um futuro no apagamento do passado	35
22. Flanando sobre a modernidade	36
23. Imagens do futuro nos museus: entre sonhos de progresso e o porvir contemporâneo	37
24. Limiar da morte: jornalismo e biopolítica	38
25. A economia da adaptação climática em tempo de mitigação: leitura pós-colonial de livro-reportagem sobre aquecimento global	39
26. Poder, corpo e sexualidade: uma possível análise das eleições de 2018 no brasil	40
27. A maternidade assistida: ambivalência dos discursos sobre barrigas de aluguel, técnicas de reprodução e fertilidade na internet	41
28. Fruto da era farmacográfica: ensaio teórico sobre passado, presente e futuro da PrEP	42
29. Biopolíticas e velhice: gestão de corpos na contemporaneidade	43
30. Antropomodificação e outras metamorfoses	44
31. O reconhecimento facial e as fragilidades da proteção jurídica sob a perspectiva da biopolítica foucaultiana	45
32. Futuros algorítmicos: regimes de temporalidade da inteligência artificial	46
33. Exterminador do futuro: o impacto do neoliberalismo na educação no brasil	47
34. Penumbra do futuro: quando as instituições de ensino estão a serviço do mercado	48
35. O que podem as séries de tv face à violência de estado? Pedagogia, política e futuro	49
36. Suicídio juvenil e cultura do desempenho: uma análise sobre o discurso do desempenho na mídia brasileira	50
37. Abertura ao neoliberalismo em Cuba: realidade ou especulação? Uma análise dos discursos midiáticos acerca do futuro do regime socialista em Cuba	51
38. Fascismo e a comunicação: como o totalitarismo utiliza a mídia como um meio de articulação comunicacional	52
39. Bolsonaro, Trump e Bannon: o futuro nas imagens da política contemporânea	53
40. Globalitarismo, militarização e endocolonização em Paul Virilio	54

1. DA CELERIDADE À LENTIDÃO: POR UMA CRÍTICA DO PROGRESSO NO IMAGINÁRIO DA MODERNIDADE

Wladimir Silva Machado (UNIVASF)¹

Desde a Revolução Francesa, e o valor genesíaco (HUGO, 1995) atribuído a este acontecimento que findou a atribuição divina do poder político pela Igreja na Europa e pautaria o imaginário de constituição político-ideológica das democracias modernas e pós-coloniais, do século XIX à contemporaneidade, o fenômeno da modernidade – que já se encontrava em desenvolvimento mercantil –, fora propulsionado pelo desenvolvimento do cenário industrial eletromecânico. O aparecimento de novas invenções maquinicas, além de incitar à exaltação da celeridade da vida moderna (ou sua rejeição) e configurar regimes escópicos mecanizados (CRARY, 1996) cujas formas, funções e efeitos reverberariam ao longo do século XIX até à cultura digital, continuam a desdobrar o fito inconfessável de exercer poder sobre os agenciamentos e discursos políticos, os comportamentos e práticas socioculturais, insuflar a produtividade proletária e consolidar processos de objetivação e subjetivação dos sujeitos na sociedade do controle disciplinar (FOUCAULT, 2012), hoje nomeada de capitalismo ‘tardio’, em sua pulsão aceleradora da temporalidade e, com isso, da experiência vivida das realidades. Em última instância, a turbilhonante estruturação da modernidade industrial impregnou ao imaginário social (PESAVENTO, 1996) um ideário de futuro baseado na crença no poder da tecnologia em função de um sortilégio de progresso (entendido como tempo no qual as máquinas libertariam o homem das tarefas manuais). Além disso, a concepção de como se daria o desenrolar dessa quimera progressista correspondia a uma noção de tempo histórico como linha ascendente, de matriz hegeliana (da razão universal rumo ao saber absoluto) e positivista francesa (a primazia do documento oficial escrito como fonte primordial do fazer histórico). Com a crise do modelo estrutural, assim como a falência do discurso de uma pós-modernidade, revisões do acontecimento histórico nomeado de modernidade impelem o pensamento contemporâneo a voltar-se para a crítica da noção linear de tempo acerca do desenrolar de um suposto progresso; crítica do paradigma metafísico e da hegemonia das ciências exatas e biológicas, impulsionada pelos colapsos ecológicos e a contradição gritante entre as noções de qualidade de vida e os cenários das metrópoles contemporâneas. Assim, a presente comunicação possui o intuito de focalizar a transformação das experiências de temporalidade no mundo contemporâneo, no afã de situar-se no limiar proposto por Latour (2011) de criação de um “tempo lento” como estratégia para se contornar a falsidade ideológica de tal noção de progresso, sustentada pelo discurso do poder da tecnologia, no seio do fenômeno histórico da modernidade. A preocupação com as micropolíticas socioambientais, a reeducação da relação com os dispositivos eletrônicos e suas formas de controle da atenção são pontos que norteiam os horizontes da práxis intelectual contemporânea, que gostaríamos de colocar em diálogo, ao participar do evento.

¹ Doutor em Comunicação e Cultura, Universidade Federal do Rio de Janeiro, UFRJ, Brasil e atualmente professor da Universidade Federal do Vale do São Francisco. E-mail: wladsm@gmail.com

2. LINHAS DO PROGRESSO

Yasmin Santos Da Silva Fernandes Adorno (UFRJ)²

O termo progresso surge no séc. XVIII, durante o período paleotécnico gerando auto-satisfação e presunção dentre as classes mais cultas e elitistas da Europa. Segundo Lewis Mumford, o período paleotécnico é marcado pela revolução industrial, quando o complexo do carvão e do ferro transforma os modos de pensar, viver e produzir. Acreditavam que por meio do progresso o mundo caminharia eternamente na mesma direção, tornando-se mais humano, mais confortável, mais pacífico, mais simples para os viajantes e, acima de tudo, mais rico. O progresso visto como uma melhoria contínua, linear e uniforme tem o seu valor reduzido a um cálculo de tempo, o movimento no tempo tornado possível pelo movimento mecânico no espaço.

Durante o período paleotécnico europeu surgem as ferroviárias, um dispositivo que causa avanço nas condições de movimento no tempo através da sua mecânica, impulsionando a modernização do continente. No Brasil as ferrovias também foram importantes para a modernização, porém, o que foi indispensável no curso do desejo progressista foram as rodovias, que desde o séc. XX são o meio responsável pela maior parte dos fluxos de bens e pessoas no país. Durante o séc. XX, a imagem do Brasil como um arquipélago de ilhas isoladas impulsionou a ideologia de integração nacional que criou a Marcha para o Oeste e a construção de Brasília. A rodovia assombra a modernidade como o grande motor da modernização americana ao invés da ferrovia pensada por Mumford. Boaventura Santos, procurando entender o que distingue o pensamento moderno ocidental de outras formas de saber, sugere o conceito de pensamento abissal. A integração de diferentes paisagens pela rodovia opera no duplo sentido entre criar novas linhas de pensamento abissal e desfazê-las. O rural, como o agronegócio, pode ser uma extensão do urbano.

Partindo da minha pesquisa como artista e também mestranda, proponho uma comunicação que utilize a figura da paisagem rodoviária da B-040 para pensar os impulsos do termo progresso no contexto brasileiro. Durante a pesquisa fiz algumas viagens pela rodovia BR-040 (Brasília–Rio de Janeiro) a fim de coletar arquivos e depoimentos para melhor compreender as forças que criam aquela paisagem rodoviária. Um dos principais aspectos do rodoviarismo é a força do fluxo, da distribuição eficiente de recursos, o que normalmente quer dizer a colonização de um território por alguma outra força. Na rodovia onde correm os fluxos, há fluxos hegemônicos e fluxos hegemonzados, fluxos mais rápidos e eficazes e fluxos mais lentos. A escala dos fluxos é material e imaterial e deixa vestígios no que vemos como paisagem. Os vestígios se tornam fixos, compondo a paisagem que é uma história congelada, mas que participa da história viva, contendo na sua composição diferentes temporalidades. As entrevistas e registros que faço durante as minhas viagens lidam com essas diferentes temporalidades, entre o pensamento abissal e as margens do progresso.

² Mestranda da Universidade Federal do Rio de Janeiro. E-mail: yasmin.adornof@gmail.com

3. CONTRA O PROGRESSO, ESCOVAR A HISTÓRIA A CONTRAPELO

Fabiane da Silva de Souza (UnB)³

Crítico da filosofia do progresso, Walter Benjamin (1892-1940), em suas teses Sobre o conceito de história (1940), aprofundou e radicalizou a oposição entre o marxismo e as filosofias burguesas da história, aguçando o potencial revolucionário do marxismo e elevando seu conteúdo crítico. É por ter uma obra inclassificável que ocupa um lugar singular: seu pensamento constelatório buscou interpretar a história do ponto de vista dos vencidos, sem desconsiderar os pequenos acontecimentos da história.

Em seu pensamento, propunha enfrentar o fascismo mas não em nome do progresso: não considerava o progresso como norma histórica. Para ele, enfrentar o fascismo passava por construir um conceito de história a partir do que ensina a tradição dos oprimidos, em que o estado de exceção é regra geral. Isso significou defender uma concepção de história como processo aberto e não determinado de antemão, abrindo-a para novos modelos de temporalidade; um olhar para a história que permitisse chances inesperadas, capazes de quebrar a narrativa progressiva, contínua, com uma solução final, elaborada por aqueles não cessam de vencer. Entre ensaios, fragmentos e citações, entendeu que o desvio pelo passado (afinal os mortos não estão em segurança) era uma maneira de instituir lutas no presente. Esse desvio pelo passado prevê a experiência da memória como decisiva para a estrutura filosófica da experiência. O historiador, afinal, deveria constituir uma experiência com o passado (e não apontar para uma imagem eterna deste). E assim sustentou a inspirada imagem de escovar a história a contrapelo.

Escovar a história na direção não habitual significar voltar-se para trás de outra maneira e procurar nas lutas do passado um modo de vivificar as lutas do presente. Contrapelo que supõe um embaraço, uma dialética necessária entre os tempos, que desmonte a ideia de uma história contínua e evolutiva e que não deixe os pequenos acontecimentos serem desconsiderados. Contrariar, portanto, o sentido do pelo para “revelar a pele subjacente, a carne escondida por detrás das coisas” (DIDI-HUBERMAN, 2015, p. 101).

As teses se orientam ao mesmo tempo para o passado, tratando da história e da rememoração, e se dirigem para o presente, onde está a possibilidade da ação redentora. Escovar a história a contrapelo significa também redescobrir ideias utópicos e revolucionários na herança cultural (LÖWY, 2005). A história em Benjamin só encontra sua redenção à luz de um presente que, a cada instante, pode reatualizar o passado. Seu conceito deve ser pensado à luz do presente, em uma visão descontínua, que se opõe, portanto, à teoria do Progresso.

³ Doutoranda da Universidade de Brasília. E-mail: fabianeedesouza@gmail.com

4. BRASÍLIA, CAPITAL DA MODERNIDADE BARROCA

Marc Berdet (UnB)⁴

A cidade de Brasília, inaugurada em 1960, é geralmente interpretada como uma tradução regional da ideologia modernista, simples aplicação local dos grandes princípios formulados pelos Centros Internacionais da Arquitetura Moderna (CIAM). De maneira contraditória, foi também atacada como sendo um desvio irracional, barroco e até surrealista da estética sóbria e socialmente útil do padrão modernista. Uma como outra posição mantém a cidade na masmorra da história, seja como modelo ultrapassado de uma ideologia fora de moda ou como espécime excêntrico da mesma.

Gostaria aqui de propor outra hipótese, que apresenta Brasília como capital de um “modernismo barroco” consistente e até mesmo como capital de uma “modernidade barroca” que não teve a chance de se desenvolver na história, resgatando o imaginário de um país do futuro próprio ao Brasil, e talvez à América Latina, dos anos 1960. Os traços modernistas do plano urbanístico de Lúcio Costa são tão evidentes como os traços barrocos da arquitetura de Oscar Niemeyer, e interpretarei o Plano piloto e o Eixo monumental de Costa como uma tentativa de fusão barroca com a natureza. Revelando a dimensão política da epistemologia (desenvolvendo, no caso, uma epistemologia do futuro que é uma epistemologia de um futuro perdido), mostrarei como negar essa dimensão barroca, reduzindo Brasília ao plano de Le Corbusier para Paris (o que é a posição do antropólogo norte-americano James Holston), ou insistir na dimensão barroca com a habitual intenção pejorativa (o que é a posição do arquiteto suíço Max Bill) significa projetar preconceitos etnocentristas sobre a cidade, negando que ela é, essencialmente, modernista e barroca, e que tal estética barroca da modernidade representava a chance de uma modernidade alternativa, a modernidade do barroco, que foi ela mesma negada na história.

Pretendo propor, assim, uma viagem no espaço de Brasília e na história da sua recepção, tentando decodificar, no espaço e no tempo, os signos desse futuro perdido.

⁴ Doutor em sociologia e filosofia pela Université Panthéon Sorbonne (2009), atualmente professor convidado no Departamento de Design, Universidade de Brasília. E-mail: marc.berdet@unb.br

5. EM ESFERAS E PLANOS: REFLEXÕES SOBRE O IMAGINÁRIO DE PROGRESSO EM GUIMARÃES ROSA

Rhaysa Novakoski Carvalho (UnB)⁵

É possível evocar o passado para se pensar a ideia de futuro? Como a literatura é capaz de auxiliar no entendimento de um Brasil em progresso e na construção de significações em volta dos deslocamentos de territorialidades e subjetividades? Pensando nisso, este trabalho esboça uma reflexão sobre o progresso na obra de Guimarães Rosa, a partir de imagens presentes no conto *As margens da alegria*. O presente resumo é um fragmento de intenções redigidas a partir de um artigo ainda em construção, que tem como objetivo mapear, a partir do diálogo entre política e literatura, as correlações entre a manutenção das subjetividades humanas para a incorporação social de uma lógica de progresso e desenvolvimento, atreladas, nesse caso, à expectativa infantil do encontro com o novo. Para tanto, serão evocados conceitos de formas de poder e manutenção de subjetividades abordadas por Dardot e Laval (2016) e Foucault (1999). De modo a guiar as considerações elaboradas a partir dessa proposta, segue-se os passos do “Menino” em uma viagem “inventada no feliz”. Envolto em uma atmosfera de descoberta, curiosidade e ingênua alegria, o “Menino” é levado pelos tios para conhecer o lugar onde está sendo construída a cidade que seria “a mais levantada do mundo”. O espelho entre a experiência do pequeno “personagente”, ao olhar do avião o “chão plano em visão cartográfica”, juntamente com as pistas lançadas ao longo do texto, infere uma referência de Rosa à construção de Brasília, a capital em forma de aeroplano desenhada no planalto central do Brasil – e idealizada como marco da modernização e integração nacional. “No arcabouço desse pássaro-avião, estariam os próprios poderes do país, acompanhados de seus instrumentais administrativos” (ABDALA JÚNIOR, 2003, p. 93). O deslumbramento do “Menino” tem seu ápice no encontro com outro pássaro, o peru, que figurava sua graça “todo em esferas e planos” – assim como o projeto da capital – no terreno da casa envolta pela mata. A imagem da ave parece, então, mediar o contato da criança com os demais elementos da estória, dando a tudo uma graça e um colorido especial. A sensação de imensa alegria é maximizada pela ação dos adultos ao seu redor, que o enchem de atenção e mimos, acusando, ainda, a posição social privilegiada que a família aparenta usufruir. É deles que vêm as frases que ressaltam a grandeza do projeto que estava se materializando no meio do cerrado. O estado de alegria, no entanto, é interrompido com a morte do animal. “O Menino recebia em si um miligrama de morte” (ROSA, 2001, p. 53) e a ambiência de sonho associada àquele território em transformação é abalada. Dessa maneira, esse trabalho relaciona ainda a manutenção das expectativas, sonhos e desejos do “Menino” à uma administração dos próprios sonhos e expectativas que envolveram a criação da capital, dentro de uma lógica de progresso e modernização evocada com certa urgência – a exemplo do slogan “50 anos em 5”, marca do então presidente Juscelino Kubitschek.

⁵ Mestranda da Universidade de Brasília. E-mail: novakoski.rhaysa@gmail.com

6. A “ANTROPOMATUTOLOGIA” DE FÁBIO BIROLI: IMAGENS DE UM RURAL BRASILEIRO ESPREMIDO ENTRE RUGOSIDADES DO PASSADO E PROMESSAS DE FUTURO

Lúcio Pereira Mello (UnB)⁶

Dados do censo brasileiro mostram que na década de 1940 os habitantes das cidades representavam 30% da população nacional. Em 1970 os brasileiros urbanos já eram cerca de 60% do total. No censo de 2000 éramos mais de 81% em conurbações. A despeito desta profunda transformação, o Brasil mantém ainda uma forte identidade com a questão agrária e com o setor agrícola na segunda década do século XXI. Trata-se de um país de dimensões continentais, com diferentes biomas, contextos e relevos. Um espaço que apresenta realidades rurais distintas, nas quais diferentes contextos históricos, espaciais, culturais, econômicos e étnicos se sobrepõem e se entrecortam, montando um mosaico de percepções do rural brasileiro múltiplo, diverso, amplo, plural, contraditório, desigual, com disparidades e regiões de “retrocessos” e de “ponta”.

A representação deste “Brasil do interior” parece sempre oscilar entre o bucólico e o moderno. De um lado a enaltação à tradição, ao jeito de falar, ao prosaico e a inteligência matuta. De outro, o arrojado, o intrépido, o corajoso, o desbravador e bandeirante contemporâneo. Que imaginário de “Brasil Rural Contemporâneo” é este?

Este artigo pretende trabalhar as representações de passado e de futuro no meio rural brasileiro a partir da noção de Arcaico e Moderno de Darcy Ribeiro e Progresso em Koselleck. O estudo pretende compreender como a reflexão do pensador brasileiro dialoga com a noção de progresso e declínio do filósofo da história alemão, estas duas visões abordam a questão da evolução tecnológica e a questão da política e do poder.

Pretende-se empreender a análise, ao apresentar a imagem de um meio rural brasileiro contemporâneo contraditório em que o passado e perspectiva de futuro se chocam. Um meio rural imprensado entre passado e futuro, idiossincrático e paradoxal, no qual convivem – de forma conflituosa – as representações do meio rural brasileiro ora do caipira, ora do agribusiness; ora ultrapassado, ora moderno; às vezes tradicional outras vezes a vanguarda do agronegócio mundial.

Para tanto, serão analisadas as obras do artista Fábio Biroli, presentes na exposição “Eu Estava Deitado e Ele Veio Mexer Comigo”, apresentada no CCBB de Brasília, durante o segundo semestre de 2015. A aposta é de que a noção de “antropomatutologia” do artista oferece uma rica chave de leitura em que imagens do atual rural brasileiro se sobrepõem e se contrapõem ao ponto de se questionar se a ideia de progresso técnico possui relação direta com o a ideia de progresso.

⁶ Doutorando da Universidade de Brasília. E-mail: luciopereiramello@gmail.com

7. A CONCEPÇÃO DE SELF HUMANO NA ESPISTEME ALGORÍTMICA: PREVISÃO DE COMPORTAMENTO DO PÚBLICO E ANTECIPAÇÃO DE PADRÕES FUTUROS

Alexandro Uguccioni Romão (Estácio)⁷

A tecnologia empregada no ambiente digital lança mão de algoritmos para processar os bancos de dados, o Big Data, e, assim, fornecer resultados de acordo com as intenções de quem desenvolveu os códigos de programação dos sistemas de informação. Por consequência, as atividades cotidianas, dos mais diversos tipos, sofrem mudanças ao serem realizadas pela mediação de plataformas e sistemas online, com base na programação de algoritmos. Nesse contexto, o algoritmo assumiu o protagonismo dessa era tecnológica de forma marcante ao se transformar em uma espécie de conhecimento em que a sociedade recorre para identificar o que é necessário saber, tal qual, outrora, recorreu “aos especialistas credenciados, ao método científico, ao senso comum ou à palavra de Deus” (GILLESPIE, 2018, p. 97). Assim, o conhecimento algorítmico passou a colaborar com a sociedade no sentido de automatizar diversas atividades cotidianas, tais quais: procurar por uma vaga de emprego ou buscar a parceira ideal para um relacionamento amoroso, assim como determinar o grau de periculosidade de criminosos para auxiliar o juiz na sentença e determinação da pena, ou, ainda, conceder empréstimos bancários. A atuação dos algoritmos, nos exemplos supracitados, está envolta pela crença tecnocrática de que, com a eliminação de elementos subjetivos, naturalmente atrelados ao caráter humano, o resultado dos processos realizados por sistemas automatizados seriam mais objetivos, neutros e imparciais. Contudo, a utilização dos algoritmos pode, além de gerar resultados positivos para a sociedade, economizando tempo e recursos ou até mesmo democratizando o acesso a diversos serviços, causar efeitos colaterais como reforçar e agravar injustiças sociais, por conta dos critérios adotados pelos sistemas ao processar os dados e, conseqüentemente, pelos resultados produzidos. Nesse contexto, o modo de funcionamento das mídias digitais cria uma espécie de self quantificado. A episteme algorítmica funciona na superfície e não sobre a profundidade em sua concepção de indivíduos. Dessa forma, conhecer alguém significa conhecer padrões de comportamento que são superficiais. Uma análise profunda, essencialista, analítica, sociológica, psicológica e teórica na maneira de como concebemos as pessoas é substituída por ser considerada um obstáculo para a autocompreensão dos sistemas. Por esse raciocínio, renuncia-se um enquadramento em categorias sociais e noções essencialistas de seres humanos, para uma concepção de público baseada em uma combinação de pontos de dados dinâmicos que estão em constante movimento. Essa episteme, portanto, é orientada para o futuro de forma a prever o comportamento do público e antecipar padrões futuros. Diante do exposto, esse artigo versará sobre os efeitos colaterais do uso de algoritmos no reforço de estereótipos, em paralelo com a produção de um público mediante previsão futura a partir de seu comportamento digital presente.

⁷ Professor do Centro Universitário Estácio Brasília. E-mail: romao.mkt@gmail.com

8. NEOLIBERALISMO E A PRODUÇÃO DE LINGUAGEM NO CONTEXTO DOS DISPOSITIVOS DE MACHINE LEARNING (INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL): O PROBLEMA DA COMUNICABILIDADE NAS ORGANIZAÇÕES

Viviane da Rocha Soares (UnB)⁸

Entre os impactos produzidos pelo neoliberalismo como regime próprio de governamentalidade (DARDOT & LAVAL, 2016) estão as novas formas de produção de linguagem nas organizações. Tomando como exemplo principalmente o caso das empresas públicas e sociedades de economia mista, que têm direcionamentos estratégicos de acordo com as práticas de governança pública, observa-se que as novas práticas de linguagem não apenas acompanham a progressiva incorporação da tecnologia, mas, sobretudo, se constituem como novos modos de governança. Nessa perspectiva, pode-se mencionar o avanço de estratégias de gestão que utilizam cada vez mais recursos originariamente vinculados à inteligência artificial como forma de produzir novas experiências e modos de subjetivação. Trata-se da evolução da tecnologia e dos meios de comunicação como abordagens para aprimorar atuais e futuras estratégias institucionais. Como exemplo destas últimas destaca-se o dispositivo de UX (User Experience), processo que desenha soluções para experiências de utilidade, sendo intuitivas e agradáveis, envolvendo as emoções, crenças, percepções, respostas físicas e psicológicas, acerca de comportamentos e realizações do usuário a partir do binômio homem-computador. O UX é a experiência que procura “ensinar” as máquinas acerca de um tipo de comportamento que conecte os objetivos do negócio com as necessidades do usuário. Diferentes desafios organizacionais se colocam a partir do presente acontecimento. Por exemplo, para as interfaces conversacionais é necessário a habilidade para criar o diálogo de língua natural bidirecional. É importante que seu conteúdo seja inclusivo a todo público potencial e até mesmo possa ser traduzido por meio de fronteiras linguísticas, geográficas e culturais distintas. Todavia, o processo de desenvolvimento dos aplicativos envolve cada vez mais profissionais de Tecnologia da Informação (TI) que utilizam a linguagem da programação e não a linguagem do usuário como recurso de gestão. Nesse caso, os produtos digitais precisam se comunicar de forma eficaz, entretanto, não apenas produzindo informação, mas comunicabilidade. A questão remete não apenas ao reconhecimento de um outro (usuário) para quem se endereça as mensagens, mas ao domínio de um código comum que parece retrair-se em meio à proliferação do conjunto de sistemas informacionais. Daí a improbabilidade da comunicação. Como contraponto, o trabalho propõe a necessidade do estabelecimento de novas linguagens que transformem a comunicação de um processo “natural”, explicada objetivamente, para a comunicação “contra-natural”, interpretada intersubjetivamente (FLUSSER, 2007), considerando o contexto social e a linguagem do usuário.

⁸ Mestranda da Universidade de Brasília. E-mail: viviane2101@gmail.com

9. MARCA DO DIABO, FILHAS DO DESEJO. COMO ATRAVESSAR O RESENTIMENTO: TECNOLOGIAS DE RE-EXISTÊNCIA. DAS BRUXAS AOS ALGORITMOS

Síndia Cristina Martins dos Santos (UERJ)⁹

O corpo não é bidimensional. E embora a imagem no espelho nos engane com essa ideia, nos roubando por alguns instantes nossa própria presença, basta flexionar o cotovelo, aproximando antebraço do braço para perceber que não há linha reta no corpo. Cada articulação exige de nós a curva, nossos músculos e ossos são espiralados, mover-se implica uma dinâmica que nos define (estabelece fronteiras) e que se constitui para dentro e para fora ao mesmo tempo. Nos define, mas não nos determina – não nos impede de ir além das fronteiras, de levar o corpo ao limite, de emprenhar a definição. Porque mover-se implica colocar em ação muitas informações, muitas das quais não nos damos conta. Existir é um ato falho, tal qual Freud o explica, uma razão inconsciente que se indispõe com o que experimentamos como consciente. Somos somente a sombra do que idealizamos. Aprendemos a acreditar em estabilidade e esquecemos que ao caminhar, entre um passo e outro, o risco está presente. É a sustentação da instabilidade o que interessa. O ato de se lançar no movimento e correr o risco é o que nos põe em movimento. Não cabemos e nem temos tempo para conceitos e nem lugar fixo ou garantido. A vida acontece apesar da gente e tudo é trânsito, tudo o que é vivo se constitui na instabilidade iniciada e continuada incessantemente no movimento.

Mas em que momento nossa imagem refletida no espelho ou na abstrata ideia que fazemos de nós mesmos nos roubou do presente? Durante a inquisição, a bíblia dos inquisidores (*Malleus Maleficarum*) dizia que a mulher não tem controle sobre seu corpo, a natureza o tem. Talvez possamos dar um passo a mais, ninguém tem o controle sobre o próprio corpo, ele acontece apesar de todas as nossas tentativas de controle e silenciamento de ruídos, impulsos e movimentos. Somos essa coisa que aprendemos a ter medo e desejamos controlar: a natureza. Nosso corpo, esse ele-nós (não o corpo-eu, porque o ele-eu está relacionado com o estado egóico, o estado de controle) é falha. Se é verdade que vivemos o corpo do espelho, insistindo em entendê-lo como bidimensional, como corpo que responde a demanda, corpo-coação, corpo-imagem-refletida e idealizado, não é mentira que tomamos de assalto a mutilação biopolítica, a intervenção biotecnológica, a modulação estética. Esse mesmo corpo que Lapoujade diz “não aguenta mais”, escorrega de si próprio, se entorta, acontece mesmo que não reconhecemos, mesmo que não autorizemos. Se esse corpo não pode erguer-se de sua condição de corpo, que se confunde com a experiência humana, ele se entrega a essa condição, se rende a essa forma. E então, se lança às bordas, ao limite, ele a deforma. Não é o que fazemos? O movimento dos refugiados pelo mundo, colocando em cheque a noção de Europa, não é uma imagem disso? Os muçulmanos nos campos de concentração também não são? O corpo que não aguenta mais radicaliza a nossa experiência levando-a ao extremo. E nós chamamos isso de inumano, de coisificação, às vezes de ciborgue.

⁹ Pesquisadora da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. E-mail: sindia.bugiarda@gmail.com

10. O CORPO VIRTUAL E SUAS IMPLICAÇÕES EM UM MUNDO DIGITAL

Pedro Willian Dourado Teixeira (UnB)¹⁰

As tecnologias da informação proporcionam um ambiente simbiótico entre a vida que compreendemos do tipo físico e real e um novo tipo de vida, virtual e digital. O cyberspaço é povoado por entidades e identidades diversas com a potência de serem infinitamente multiplicadas e associadas a uma pessoa, um grupo de pessoas, uma instituição ou mesmo um robô. Dentro desse novo ethos encontramos um vasto conjunto de questões que seguem o mesmo ritmo exponencial. É nessa perspectiva por exemplo que Andy Miah e Emma Rich se propuseram a observar o que chamaram de *The Medicalization of Cyberspace*, que, embora pareça um recorte preciso e bem delimitado de um problema, assim como a “rede” onde tudo se conecta, não encontramos fronteiras, mas novas possibilidades de investigações, nos deparando com questões de toda sorte as quais carregam desde um problema já antigo no campo da ética, como a liberdade, até o enfrentamento de novos fenômenos como cyber body, governanças virtuais, direitos de propriedades biológicas e a bioética em relação a cyber medicalização que envolve um cenário pós-humano.

Deste modo a proposta desse trabalho é, a partir deste recorte, explorar aquilo que corresponde à nova percepção que damos ao nosso ser que tange em relação às entidades digitais num mundo virtual. Acompanhando a ideia de que, cada vez mais, a nossa existência corresponde a uma existência virtual, desde um cadastro num banco de dados do governo até as redes sociais, povoamos um mundo digital que tem suas bases sustentadas por informações descentralizadas, que se por um lado nos favorece, por outro possibilita um ambiente propício para fenômenos como o crescimento de comunidades pró-anorexia, práticas suicidas, virtualização da exploração sexual, promoção e comercialização de medicamentos, que colocam em cheque primeiro as noções de privacidade, de liberdade e individualidade, segundo, a própria noção de corpo, à medida em que ele ganha um novo significado no mundo virtual juntamente com a concepção de identidade, e por fim a do próprio ser. Assim, acreditando que o papel de uma filosofia da informação, além de uma investigação crítica da natureza da informação, é também corresponder a problemas gerados por uma sociedade da informação.

40 Egresso da Pós-Graduação da Universidade de Brasília. E-mail: pedrowdt@gmail.com

11. ALGORITMO E MODULAÇÃO DA TEMPORALIDADE

Rainri Back (UnB)¹¹

O propósito geral da comunicação consiste em verificar como o algoritmo modula a experiência do tempo na sociedade de controle. Para tanto, é necessário realizar alguns propósitos específicos. Primeiro, identificar as diferenças fundamentais entre a sociedade disciplinar e a sociedade de controle. Segundo, discernir as características básicas do mecanismo chamado algoritmo. Terceiro, determinar a especificidade do controle sobre a experiência do tempo dos indivíduos. Quanto ao primeiro propósito, três aspectos essenciais. 1) O contraste entre moldagem e modulação. Daí, creio, se origina a distinção entre os espaços fechados da sociedade disciplinar e o espaço aberto da sociedade de controle. A moldagem atua em séries interrompidas de disciplinamento. Da família à escola; da escola à fábrica; da fábrica ao asilo. A modulação atua por meio do que Deleuze chama de "metaestabilidade". É a condição de expor o indivíduo a perturbações diversas, porém, constantes. Assim, ele precisa se manter permanentemente atento. 2) A relação entre indivíduo e massa. Na sociedade disciplinar, ambos estabelecem um vínculo coerente. Embora o massifique, a disciplina molda particularmente cada indivíduo. Na sociedade de controle, os indivíduos se tornam "dividuais". Expostos à concorrência constante, eles se dividem uns dos outros. Assim, ao invés de uma massa, eles compõem "bancos", "dados". – Em síntese, "bancos de dados". 3) A correspondência entre sociedade e máquina. Elas, as máquinas, exprimem a forma da sociedade. Na sociedade disciplinar, máquinas movidas à energia extraída do carvão e petróleo. Na sociedade de controle, máquinas computacionais dotadas de inteligência. Delas, Deleuze não conheceu um mecanismo hoje onipresente: o algoritmo. Eis o que justifica, portanto, o segundo propósito da comunicação. Em geral, o algoritmo é um conjunto de instruções com a finalidade de produzir resultados. Para tanto, lhe é necessário partir de um banco de dados. Assim se inicia o trabalho dividual do algoritmo. Ele se baseia em rastros mediante os quais traça perfis para, na massa, divisar este daquele indivíduo. Um ponto crucial: ele aprende e, assim, produz por si próprio novos algoritmos. Assim se torna mais hábil para identificar quais os hábitos de cada um; se torna mais hábil para modular a maneira como a máquina deve interpelá-lo. Máquina poderosíssima de modulação! Por fim, o terceiro propósito. Graças a seu poder dividuador, o algoritmo penetra melhor na experiência de mundo de cada indivíduo. Uma vez aprendidos seus hábitos (passados), ele pode antecipar seus desejos, suas decisões (futuras). Ora, a antecipação de possibilidades a partir do que aconteceu é uma experiência essencialmente temporal. Por meio de aprendizagem automática, o algoritmo se mostra capaz de roubá-la do ser humano. Então a comunicação consuma seu propósito geral. Como exemplo, ela considerará, por fim, o uso de algoritmos para determinar o futuro das eleições de 2018 no Brasil.

¹¹ Doutor em filosofia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro, professor da Universidade de Brasília. E-mail: rainri.back@yahoo.com.br

12. A PROBLEMÁTICA DO TEMPO NAS MATRIZES ALGORÍTMICAS CONTEMPORÂNEAS

Luanda Maria Campelo Albuquerque (UnB)¹²

Na contemporaneidade, o regime de visibilidade das mídias digitais produzem subjetividade através das instauração de mecanismos de conectividade. Essas tecnologias de imagem se vinculam a uma nova experiência de futuro, que hoje está baseado na ideia do risco. Nesse sentido, os algoritmos são dispositivos que influenciam o modo como experimentamos o porvir, moldando um horizonte de possibilidades de acordo com lógicas matemáticas e estatísticas que estão vinculadas à economia neoliberal. Portanto, pretendo no presente artigo delinear algumas implicações de governamentalidade algorítmica que está associada à economia do risco e que também se insere dentro do regime de visibilidade digital. Dessa forma surgem as seguintes questões: como a midiatização e as tecnologias de comunicação alteram a experiência de futuro através da coleta de dados do usuário? Como se configura o sujeito dentro de uma perspectiva de futuro de risco?

A dinâmica do tempo é indissociável à vida humana, que está atrelada aos acontecimentos passados e se desenvolve de acordo com as possibilidades futuras. A experiência de tempo aparece enquanto uma problemática que adquire diversos sentidos de acordo com diferentes momentos históricos. O recurso da genealogia permite mapear rupturas e continuidades históricas em relação às problematizações que são levantadas no presente. A partir do pressuposto de que a história é descontínua, é necessário fazer um recuo genealógico para compreender a construção de alguns discursos e sentidos fluidos que fundam uma configuração da subjetividade contemporânea.

Ao se olhar para os deslocamentos de sentidos que o conceito de temporalidade apresentada em diferentes épocas, são revelados valores e crenças predominantes naquele contexto. Portanto, a temporalidade ou, mais especificamente, os sentidos que adquire a ideia de tempo, aparecem enquanto uma lente de aumento para se examinar uma época. O modelo dominante é produto e produtor de uma subjetividade que está progressivamente se deslocando de uma profundidade para a superficialidade. A ideia de “efeito-instrumento” desenvolvida por Foucault (1979) trata dos conceitos enquanto dispositivos que abarcam discursos, normas, leis, verdades, instituições, empresas e relações com o espaço-tempo. Fruto de uma função estratégica de um determinado momento histórico, os conceitos atendem à um projeto de sociedade, são “urgências históricas” que criam e sustentam relações de poder (FOUCAULT, 1979).

¹² Mestranda da Universidade de Brasília. E-mail: luandacampelo1@gmail.com

13. CIBERESPAÇO E CIBERPOLÍTICA NUMA SOCIEDADE GOVERNADA POR ALGORITMOS

Everton Frask Lucero (UnB)¹³

A difusão das tecnologias da informação faz germinar novas configurações sociais e políticas de alcance global, ainda por serem devidamente aquilatadas e compreendidas. A chamada "sociedade da informação" constitui-se na transição de uma sociedade disciplinar, de índole foucaultiana e própria de uma sociedade industrial, para uma sociedade de controle, tal como antecipada por Deleuze (1990). O eixo de sustentação dessa transição não tem extensão real nem requer instituições tradicionais, porque se assenta e se constitui num espaço virtual e interconectado, automaticamente gerado por algoritmos cada vez mais eficientes. William Gibson, no livro "Neuromancer" (1984), cunhou o termo "cyberspace", traduzido pela expressão "espaço cibernético" ou pelo neologismo "ciberespaço", que seria constituído a partir da experiência humana de interação e comunicação por meio das tecnologias da Internet. Trata-se de "grande máquina abstrata, semiótica e social onde se realizam não somente trocas simbólicas, mas transações econômicas, comerciais, novas práticas comunicacionais, relações sociais, afetivas e sobretudo novos agenciamentos cognitivos" (MONTEIRO, 2007).

Até a virada do milênio, os idealistas do ciberespaço o vislumbravam como um espaço de liberdade. John Perry Barlow chegou a proclamar, em 1996, a Declaração de Independência do Ciberespaço, um manifesto dirigido aos "governos do mundo industrial", sugerindo haver total e absoluta separação entre dois mundos: o real e cibernético. "Estamos formando nosso próprio Contrato Social. Essa maneira de governar surgirá de acordo com as condições do nosso mundo, não do seu". A lei do ciberespaço seria definida pela técnica e pelo código, não pela política nem pela ideologia. No entanto, o que se observa desde então, em particular nas duas primeiras décadas do Século XXI, é que o ciberespaço vem sendo construído de forma inseparável do seu contexto. Seus parâmetros técnicos e operacionais carregam valores implícitos, seja no sentido do controle ou da liberdade. Sua arquitetura é constituída por decisões políticas, assim como acontece no mundo real. A natureza do ciberespaço não é a vontade divina, mas "o produto do seu design" (LESSIG, 2006, p. 38). Ao mirarmos o futuro, a noção de "biopolítica", tal como introduzida por Foucault na década de 1970, talvez tenha de ser atualizada para incorporar a "ciberpolítica". Caem nessa seara as disputas tecnológicas pela definição dos padrões, protocolos e algoritmos que regulam o ciberespaço e delimitam a extensão possível da vigilância, controle e modulação – não mais dos corpos, mas das mentes: a "governamentalidade algorítmica" (ROUVROY; BERNS, 2015).

Numa sociedade da informação que se traduz num dispositivo redutor do ser humano a números e cifras em bases de dados rastreáveis e manipuláveis por algoritmos, faz-se necessário evidenciar e criticar os desafios que a governamentalidade algorítmica apresenta à individualidade, à subjetividade e à vida.

¹³ Mestrando da Universidade de Brasília. E-mail: everton_lucero@yahoo.com.br

14. BIOPOLÍTICA E PSICOPOLÍTICA

Davi Maranhão De Conti (UFG)¹⁴

O conceito de biopolítica ganha notoriedade a partir de uma releitura do termo levada a cabo por Foucault. Para que se compreenda o sentido que a noção de biopolítica assume na obra do filósofo francês, é necessário voltar-se sobretudo para o período intermediário de sua pesquisa. Foucault lança mão do conceito de biopolítica em apenas uma de suas obras publicadas em vida: o primeiro volume de *Histoire de la sexualité*, de 1976. É nessa obra que, diferenciando-o do poder soberano, Foucault define o biopoder. Nesse mesmo período, Foucault refere-se ao tema da biopolítica nos três cursos que oferece no Collège de France: *Il faut défendre la société* (1976), *Sécurité, territoire, population* (1978) e *Naissance de la biopolitique* (1979).

No curso de 1976, além de reforçar a distinção entre biopoder e poder soberano, Foucault considera a relação entre racismo e biopolítica, evidenciando a importância do racismo para o funcionamento da nova racionalidade governamental. O racismo aparece como elemento-chave para continuidade do poder de morte, característico do poder soberano, no interior de um poder que se volta para o incremento da vida. Nos cursos de 1978 e 1979, Foucault busca realizar uma genealogia do biopoder, mostrando a importância da população para o seu surgimento. Para Foucault, diferentemente do poder disciplinar, que se volta para o corpo do indivíduo, para o corpo como máquina, o biopoder concentra-se no corpo da população, no corpo da espécie.

A emergência do fenômeno da população, que altera de modo fundamental a mecânica do poder, ocorre simultaneamente ao surgimento do liberalismo. O liberalismo, em *Naissance de la biopolitique*, é considerado como quadro geral da biopolítica. A economia política apresenta-se como lugar de verificação para as práticas governamentais. A necessidade de gerir uma população leva ao desenvolvimento do pensamento econômico liberal. A biopolítica é um sintoma das diversas transformações por que passa o mundo ocidental, as quais acompanham-se de alterações na racionalidade do poder.

Após introduzir a noção de biopolítica na obra de Foucault, nosso interesse será de considerar as críticas dirigidas à noção de biopolítica, por Byung-Chul Han. Para o autor sul-coreano, por associar-se sobretudo ao biológico e ao corporal, a noção de biopolítica não permite perceber que o neoliberalismo não se volta primordialmente para o biológico, mas sim para a *psique*. A disciplina do corpo daria lugar à otimização da capacidade mental. Essa *virada para a psique* relaciona-se à forma de produção do capitalismo atual, que se concentra em objetos intangíveis, como informações e programas. O corpo como força produtiva deixa de ocupar uma posição tão central. Em vez de superar resistências corporais, otimizam-se processos mentais para o aumento da produtividade.

14 Mestrando na Universidade Federal do Goiás. E-mail: decoontidavi@gmail.com

15. O CORPO COLONIAL EM MICHAEL FOUCAULT: REFLEXÕES EM TORNO DE UMA VACUIDADE NO PENSAMENTO FOUCAULTIANO

Aline Matos da Rocha (UnB)¹⁵

Este trabalho tenciona refletir por meio de diálogos interdisciplinares os conceitos foucaultianos de biopoder e biopolítica à luz das discussões da filosofia africana, afrodiaspórica e os estudos sobre a colonialidade. Partimos da hipótese de que na abordagem feita por Michel Foucault, via proximidade ou tematização do corpo no tema da biopolítica, fica uma vacuidade em relação a uma ontologia de corpos inscritos no que o filósofo martiniquense Fanon vai nomear como a zona do não ser, dimensão que ficou de fora do trabalho do pensador francês, mas que foi discutida por Fanon que, em *Pele negra, máscaras brancas*, nos chama a atenção para um corpo colonial investido de relações de poder racializadas e condenado pelo racismo que está ligado ao exercício de poder histórico, político, social e econômico, em que alguns exercem poder sobre os Outros, expostos constantemente como diferentes. A cesura entre o “nós” e o “Outro” dá-se pelo corpo, especialmente pela cor, que continua sendo empregada para classificar e, nesse sentido, negros e negras serão considerados as camadas mais baixas na hierarquia socio-política-econômica, algo que irá determinar e justificar o seu extermínio na Modernidade, no tocante à estruturação, ao funcionamento e à permanência do Estado. Diante do cenário de um país (Brasil), que revela a sua face por meio do extermínio (seletivo) do corpo negro, nos debruçaremos sobre o racismo, visibilizando-o como um importante e fundamental aporte teórico para tentar compreender de que maneira o corpo colonial é constituído por uma ontologia da exclusão, que faz desse corpo um hospedeiro de classificações como semi-sujeito ou não sujeito, as quais justificam e autorizam matá-lo sem desencadear problemas maiores para o humanismo contemporâneo. Sob esse pano de fundo buscaremos trazer outros tons para a compreensão dos conceitos de biopoder e de biopolítica, os quais a filosofia constantemente se debruça sem se atentar para as teses raciais, ou sem as considerar ao largo do padrão tecido pelo pensador francês, que se concentrou, especificamente, no nazismo (um modo eurocentrado de compreender o funcionamento do racismo) e a sua política racial. Percorrendo um caminho inverso, procuraremos analisar como a biopolítica foucaultiana, atualizada e aprofundada pela necropolítica do filósofo camaronês Achille Mbembe, a bio-lógica e o raciocínio corporal da epistemóloga nigeriana Oyèrónkẹ Oyěwùmí, o dispositivo de racialidade da filósofa brasileira Sueli Carneiro, a ontologia negra de Frantz Fanon nos oferecem contornos para compreender como o corpo negro atravessado pelas estruturas coloniais e o racismo do mundo moderno segue lutando contra estes por meio das resistências e o uso político do seu corpo como espaço decolonial.

15 Doutoranda da Universidade de Brasília. E-mail: matosdarochaaline@gmail.com

16. TEMPO E UTOPIA – A FOTOGRAFIA DE ZOFIA RYDET

Anna Cristina de Araújo Rodrigues (UnB)¹⁶

A partir das concepções espaçotemporais do historiador alemão Reinhart Koselleck (1923-2006), das proposições do filósofo francês Jean-François Lyotard (1924-1998) sobre a pós-modernidade e das conclusões do sociólogo britânico Antony Giddens (1938-) sobre as consequências da modernidade, a presente proposta de comunicação objetiva voltar ao “futuro passado” de Koselleck, destacando aspectos fundamentais como a fé cristã e sua relação com as questões políticas no período pré-moderno para buscar, na modernidade e na contemporaneidade, segundo as perspectivas conflitantes de Giddens e Lyotard, pistas sobre um “futuro presente”. Adentrar o campo da História significa voltar a conceitos desafiadores como tempo e espaço; passado, presente e futuro; história e memória; experiência e expectativa; narrativa e objetividade; ideologia e utopia, entre outros. A perspectiva que se almeja privilegiar na comunicação é a artística, especialmente a partir do surgimento da fotografia, em sua relação com a passagem do tempo, considerando a aceleração que caracteriza a modernidade e se acentua na contemporaneidade. Trata-se, portanto, de discutir a transformação da estrutura temporal trazida pela modernidade, da qual a fotografia é representante destacada, sob o olhar da História da Arte. Para essa discussão, serão utilizadas imagens fotográficas da artista polonesa Zofia Rydet, objeto da pesquisa de doutorado que desenvolvo no Instituto de Artes da Universidade de Brasília. Movida por uma necessidade pessoal de documentar, Zofia fotografou casas, paisagens, cerimônias, objetos, decoração do interior das casas e pessoas comuns, individualmente, em casais ou em grupos familiares, trabalhando ou sentadas em frente a uma parede escolhida dentro da casa, onde se vê uma infinidade de objetos. Zofia nasceu, viveu, produziu uma obra impressionante e morreu no século XX (1911-1997), portanto presenciou as transformações e os horrores vividos pela Polônia no período. Ao pôr em prática seu declarado projeto utópico de fotografar todos os lares do seu país, trabalhou com a história e a memória de um país que enfrentou de maneira especialmente dura um dos mais assustadores episódios históricos do século XX – o Holocausto. Zofia mostra ao mundo, com suas fotografias, um registro da vida privada dos poloneses de uma maneira que revela identidades e, ao mesmo tempo, oculta aspectos da história recente de um país que foi palco de exacerbada violência. A esse propósito, é pertinente enfrentar um tema atual e delicado, típico do século XXI: como encarar o passado, sobretudo quando violento, produtor de memória traumática, hoje confrontada por memórias baseadas mais em opiniões e mitos do que na busca da verdade, algumas se aproximando da exacerbação de sentimentos ultranacionalistas? Espero, com essa comunicação, enfrentar tais questões históricas, sociais e culturais propostas acima, utilizando, para isso, parte da obra de uma fotógrafa emblemática dessas mesmas questões.

16 Doutoranda da Universidade de Brasília. E-mail: annamizzu@gmail.com

17. ÓRFÃOS DO CAPITALISMO

Giovanna Quaglia (UnB)¹⁷

As mudanças ocorridas no Japão marcando a entrada do capitalismo que promoveram o enfraquecimento da letra escrita e do poder da fala, a queda da força do mestre antigo e da obediência ao pai, a transformação da arquitetura das cidades e da noção do espaço-tempo intervalar, apontam para o esvaziamento das referências simbólicas da cultura e do laço social. Começa a existir uma vanguarda do individualismo eletrônico, a partir de games, celulares, internet e os gadgets, fruto especialmente da chegada da comunicação i-mode para internet móvel, favorecendo o aparecimento de realidades virtuais sem ser necessário sair de casa para submergir ao gozo escópico. O fenômeno hikikomori explicita a relação negativa do sujeito japonês com sua identidade social e expõe a ambivalência contemporânea do capitalismo nipônico: jovens hiperconectados ao gozo pela tecnologia escópica e desconectados do Outro, sem habilidade para criar vínculos, uma vez que aquilo que define sua pertença a um erodiu, restando o isolamento. Lacan (1974) propõe que a iniciação sexual é mais favorável à vida, quando, levantado o véu, revela-se o nada do mistério do Outro sexo que irrompe como índice da viabilização do gozo fálico, que se articula com o saber, com a palavra. No espaço virtual a iniciação sexual é feita fora desse nada, via personagens fictícios experimentados como elementos com existência, em uma imagem pré-formada pelo artifício tecnológico, sem furo, trazendo a experiência de um objeto possível de ser apreensível na imagem.

Pelo fenômeno hikikomori, poderíamos pensar na tentativa assexual de se fazer o Um com a imagem. No virtual, o objeto não se forma como projeção ideal sobre o véu da fantasia, mas se produz como objeto artificial, objeto de consumo. É o vínculo solitário com o objeto, com o olhar, resultando o corpo separado da palavra. Essa virtualidade produz uma fusão entre realidade e irreal que tende a manter a monotonia do gozo, sem os amparos simbólicos, em uma potencialização do gozo assexuado, mudo e solitário; que não se coloca em ato do desejo singular e os impasses que o encontro com o Outro sexo e o amor produz. Ao pensar o hikikomori como um órfão do capitalismo, colocamos a questão da desterritorialização e despatriação contemporânea. A a-dicção no fenômeno hikikomori expõe uma economia de gozo sem interdição, uma posição de esvaziamento subjetivo, sem intermediação da linguagem, com a presença imaginária do objeto completo, que lança ao fora do controle e retorna no corpo como sombra da morte. O laço social fica assim comprometido por processos de imaginarização e virtualização que produz um semblante especular que tem por função encobrir o real. Ao trazermos a inter-relação hikikomori e capitalismo nipônico, pretende-se questionar o aparecimento do que chamamos de a-dicção e as vias de manifestações contemporâneas do que podemos apontar como indícios do declínio do simbólico como centralizador do laço social.

17 Mestranda da Universidade de Brasília. E-mail: giovanna.psicanalista@gmail.com

18. VELHICE COMO FUTURO E AS BIOPOLÍTICAS DO TEMPO: O PERIGO DE VIVER DEMAIS

Mirella Ramos Costa Pessoa (UnB)¹⁸

A ideia de futuro – seja ele ideal e perfeito ou catastrófico e ameaçador – move, promove e conduz em nossos modos de ser, de agir e de estar no mundo certas ações, orienta escolhas, organiza planejamentos de vida. Recentemente, vale destacar, parece emergir diante de nós uma profusão discursiva que cada vez mais intensamente incorpora o discurso do futuro em seus alertas. Futuro que se prolifera como privatizado e preenchido de riscos e ameaças, sendo responsabilidade de cada sujeito minimizar ao máximo esses perigos encubados no tempo do porvir. Nessa discursividade sobre o futuro de ameaças, a velhice não escapa, e ganha ainda seu espaço de agenciamento, de empresariamento, em prol da colheita dos “lucros” e “resultados”. Entremeadas pelas ideias totalizantes do mercado, da empresa e do salvacionismo tecnológico, fazem emergir imagens para certas utopias da velhice na contemporaneidade. Numa narrativa cada vez mais global, proferida por campos sociais diversos como o jornalismo, a publicidade, o marketing, a medicina, a economia, a estatística e a educação, o futuro ganha contorno tão visível, que parece se tornar palpável. Trata-se de uma superabundância imagética acerca do porvir – sustentada pelas tecnologias de antecipação e de simulação –, que entrelaça uma generalização da cultura do risco à privatização de sua gestão. Não somente nas rugas premonitórias dos aplicativos de smartphones se desenham a ameaça da velhice, o futuro da população envelhecida parece pairar inclusive sobre as cifras financeiras do Estado Neoliberal que quer ver-se desobrigado de prover financeiramente aqueles que entregaram anos de suas vidas para alimentar o motor do crescimento de seu país. Assim, o envelhecimento da população torna-se, como nas manchetes de jornais, a maior ameaça às superpotências mundiais. Mais do que isso, a velhice torna-se o risco, convertido em termos financeiros, o “risco da longevidade” que deve ser mitigado, gerando produtos lucrativos no mercado das finanças. Trataremos aqui de um regime de futuridade contemporâneo, entendido como fenômeno histórico e global; sendo assim, o senso contemporâneo de futuro se afasta, em muitos sentidos, do que os experimentados em outros (futuros) passados. Especialmente daquele inventado na modernidade, futuro aberto à invenção, diferente do presente, que deveria ser fruto de utopias imaginadas pelas coletividades. Tal experiência temporal parece relacionar-se também às transformações dos sentidos da velhice (ou do que esperamos dela) e com o modo como esses sentidos também transformam a conjuntura da qual fazem parte. Atuando como uma espécie de máquina na biopolítica da experiência temporal, tal senso de futuridade tem efeitos capilares no cotidiano do sujeito. O futuro e a velhice, na lógica neoliberal, passam a ser cada vez menos um contrato social de segurança em que o Estado-nação é o fiador, e cada vez mais uma questão de escolha, de minimização dos riscos e de responsabilidade individual.

18 Mestranda da Universidade de Brasília. E-mail: mihpessoa@gmail.com

19. 24 HORAS DE PRESENTE: FUTURO E EFEMERIDADE NAS TELAS DIGITAIS

Manuela Arruda Galindo (UFF)¹⁹

Esta pesquisa pretende investigar, recorrendo a uma perspectiva genealógica, o êxito de diversas ferramentas incorporadas recentemente às redes sociais da internet, cuja característica comum é o fato de que o material publicado desaparece em 24 horas (por exemplo: *Snap*, *Instagram Stories*, *Facebook Status* e *Whatsapp Status*). A dinâmica proposta por esse tipo de recurso não apenas supõe, mas também propõe e estimula formas específicas de lidar com o tempo, bem como de criar imagens, que estão diretamente relacionadas aos modos como as subjetividades vêm se configurando na contemporaneidade. Agregados sob o rótulo genérico de conteúdo, os mais variados tipos de fotografias, vídeos e textos são compartilhados através destes aplicativos ou ferramentas, porém interessam a esta pesquisa especificamente as produções que se constituem como narrativas de si, em outras palavras, os materiais que tematizam as próprias vivências de quem os publica. A repercussão, expressa na quantidade de visualizações, implica recompensas de valor simbólico ou mesmo material. O estímulo à adesão às demandas dessas redes se ancora em valores consonantes com a lógica do espetáculo e da gestão de si como uma marca. Já o apagamento previsto para ser efetuado num determinado lapso temporal costuma funcionar como uma eficaz estratégia de controle: não apenas porque permite medir continuamente as visualizações obtidas por cada publicação, mas também porque oferece a possibilidade de tentar restringir os efeitos de uma eventual repercussão negativa que alguma postagem poderia gerar. Por outro lado, o prazo de validade limitado incrementa a ansiedade também nos espectadores, porque demanda a visualização contínua e urgente das publicações que os outros divulgam nesses canais, causando um notável aumento do tempo que os usuários destes dispositivos permanecem online, produzindo, compartilhando e consumindo conteúdo. Em um presente saturado de estímulos, o consumo prolongado destes materiais, muitas vezes redundantes, se apresenta como promessa e expectativa de que o próximo *story* valha a pena ser visto. Por outro lado, os materiais fotografados, filmados e escritos “no calor do momento” (*in-the-moment content*) se constituem de registros criados num ambiente cultural em que a produção de imagem e a experiência em si se confundem, sendo cada vez menos separáveis. A convocação é de que o intervalo entre a produção e a publicação seja curto, acelerando o máximo possível o processo entre captura e registro, por um lado, e o compartilhamento nas redes, por outro. A adesão a essas rotinas acontece por motivações complexas, relacionadas com aspectos mais amplos da cultura contemporânea. Porém, neste caso, trata-se de avaliar de que forma o tempo capturado por essas experiências, tendo a efemeridade como horizonte, permite vislumbrar ideais de futuro: que sentidos é possível extrair de tais práticas, que mesclam desejo de visibilidade e de apagamento?

19 Doutoranda da Universidade Federal Fluminense. E-mail: manuugalindo@gmail.com

20. NECROPOLÍTICA

Luis Celestino de França Júnior (UFCA)
Rosa Ravena Alves dos Santos (UFCA)²⁰

Este trabalho tem como objetivo tematizar as pontes que se estabelecem no patamar de programas educacionais de governo entre educação e futuro. Tal análise aqui desenvolvida se dará na confluência de inflexões da biopolítica e das bases de políticas neoliberais. Entre os temas que serão levantados destacam-se as noções de modernização, de progresso e de eficiência. A partir do entendimento de educação como mercadoria, uma racionalidade empresarial parece se imbricar na trama de modelos pedagógicos contemporâneos, fazendo com que a escola se subordine a imperativos econômicos e adaptativos, em que as instituições de ensino passam a ser cobradas pela elevação do nível de desempenho dos alunos, em que também as reformas de ensino são agora fundamentadas e pautadas em índices retirados de relações de competitividade, normatizando com isso conteúdos e metodologias. Neste sentido, a promoção da modernização, em sua injunção com o progresso, lugar-comum das propostas e reformas educacionais, ao se lançar como uma ponte para o futuro, ou então se autoconjugam como o melhor do tempo que virá para a educação, na expressão de um “future-se”, por exemplo, surge como uma novidade, um futuro que já está prescrito, calculado e contabilizado pela lógica excludente do mercado, e que, portanto, retém, limita e regula e, por vezes, anula as mudanças individuais e coletivas, comprometendo todo um contexto de espontâneos deslocamentos ético-políticos. Assim, políticas neoliberais ligadas à gestão da vida, vinculadas à produção de “empreendedores de si mesmos”, quando se acoplam aos dispositivos de poder ligados à educação, formam indivíduos, sob uma fria racionalidade, mais comprometidos em ser eficientes para o mercado, a produzir modos particulares e inusitados de existência, que teriam a potência inclusive de subverter toda uma lógica de vida apoiada nos valores ditados pelo valor da mercadoria. Talvez um dos maiores paradoxos que os programas políticos voltados à educação tenham que lidar hoje é o fato de que a equação modernização, progresso e eficiência não se resolve na ideia de um futuro melhor e que, muito pelo contrário, tal injunção, sob o empuxo do capitalismo, leva a resultados catastróficos, com grandes perdas na dimensão da cultura e da transmissão de saberes.

²⁰ Doutor em Comunicação, professor da Universidade Federal do Cariri. E-mail: luis.celestino@ufca.edu.br | Graduanda e bolsista de iniciação científica da Universidade Federal do Cariri.

21. BRASIL E SEUS SENTIDOS DE PROGRESSO: FORJANDO UM FUTURO NO APAGAMENTO DO PASSADO

Tatiana Castro Mota (UnB)²¹

Na busca por uma epistemologia essencialmente brasileira, Darcy Ribeiro (1987), em sua atenção para/pelo futuro do Brasil, escreveu que “a dor que mais me dói é envelhecer temendo que os jovens de hoje tenham que repetir, amanhã, que o Brasil é um país que ainda não deu certo”. Nesse sentindo, anos depois, as Utopias de Darcy seguiram seu caminho? Podemos afirmar que, atualmente, o Brasil é um país do futuro? Ou é o Brasil um país do futuro do pretérito, como destacou Viveiros de Castro (2019)? Ou teria o Brasil um grande passado pela frente, como disse Millôr Fernandes? Construïmo-nos através da história do progresso e/ou somos o país da barbárie? Temos um projeto de progresso construído em cima de ruínas ou de bases sólidas? Quem, afinal, determina nosso futuro? Os homens todos, os deuses, o risco, uma tragédia, o desenvolvimento?

Benjamin (1940), um crítico revolucionário da filosofia do progresso, entende a marcha progressista como um percurso dos dominadores aberto à instalação de regimes totalitários. Dupas (2006), ao apresentar os mitos do progresso, questiona se estamos mais felizes com os avanços dos últimos tempos e nos coloca um contrassenso de que “destruição, morte e desesperança acompanham incríveis inovações tecnocientíficas”. Entre tantas incertezas, uma segurança: o termo progresso é polissêmico. Ao mesmo tempo que desperta atração por parte de alguns, também estimula aversão diante de suas repercussões. Um progresso que contribui com uma produção mais eficaz, mas que também traz exclusão, que é sinônimo de qualidade de vida, mas que também está atrelado a irreversíveis danos ambientais e humanos. Há quem se denomine progressista em oposição a quem é reacionário, há criatividade e inovação de um lado e precariedade das conquistas do outro.

Nos últimos anos, dentro de uma proposta de planejamento estratégico de desenvolvimento para o país, foi criado o Programa de Aceleração do Crescimento (PAC), que associava as construções de grandes obras de infraestrutura ao “desenvolvimento acelerado e sustentável” do país. “Progresso”, “um país melhor de se viver”, “geração de novos empregos”, “economia ativa”, “alívio em tempos de crise” foram palavras chaves para a execução do programa. Dentro desse entusiasmo econômico, construiu-se Belo Monte, a maior hidrelétrica de todo o Brasil situada no coração da Amazônia. E é dentro desse contexto que se dá a discussão deste trabalho. A quem Belo Monte serve? Uma hidrelétrica com administração toda brasileira, como bem destaca o grande cartaz publicitário no aeroporto de Brasília: “Belo Monte. A maior hidrelétrica 100% brasileira”, é símbolo do progresso e/ou constitui-se como mais uma herança da cultura colonial erguida em cima de ruínas, ou melhor, sangue dos nossos antepassados, representando, como coloca Walter Benjamin (1940), um massacre, um extermínio, ou monumento de vitória dos opressores?

21 Doutoranda da Universidade de Brasília. E-mail: tatica.mota@gmail.com

22. FLANANDO SOBRE A MODERNIDADE

Rosemary Lopes Ferreira (UnB)²²

O flâneur vagueia pelas ruas de Paris durante a belle époque. Seus passos recordam um passado não vivido, recriado a partir de saberes transmitidos por histórias orais, escritas, imagens vistas e imaginadas, ora reconhecidas em cada pequeno tijolo, em cada pedra que se levanta nas calçadas pisadas do presente (BENJAMIN, 2009). A flânerie é uma experiência essencialmente cultural e, como tal, determinada por um modo particular de relacionar o conhecido com as possibilidades presentes e futuras (KOSELLECK, 2006). Esse flâneur e seus devaneios não poderiam existir em outro espaço-tempo. A configuração política e urbana da Paris do final do século XIX foi determinante para o seu aparecimento. Antes da reforma urbana, realizada pelo Barão Haussmann, as calçadas eram bastante estreitas e, por isso, a flânerie acontecia nas galerias destinadas à contemplação do luxo produzido pela recém-implantada indústria de larga escala (BENJAMIM, 1989, p. 35). É uma época de prosperidade, de inovações culturais, científicas e tecnológicas, avanços associados à ideia vigente de progresso. Há, no ar, uma crença generalizada de que o futuro será melhor, com mais crescimento econômico, mais conhecimento e, então, mais felicidade. O futuro é visto com otimismo como consequência histórica inexorável desse presente (DUPAS, 2006). O homem encontra-se no centro dessa evolução. Tudo é pensado para ele e em função dele, desde que se adapte ao novo ritmo do viver, inclusive à nova maneira de lidar com o tempo, contando-o pelo apito da fábrica e não, como fazia anteriormente em sua vida rural, pelo compasso da natureza.

O flâneur encontra seu fim na nova dimensão espaço-tempo do consumo moderno. O espaço de flunar, aos poucos, vai-se restringindo às lojas de departamentos e, depois, aos shopping centers e o seu tempo passa a ser marcado pelos passos da indústria automobilística, da aviação, das telecomunicações e dos gadgets. Os passos do homem moderno passeiam apressados diante das vitrines das telas, sem limites geográficos, sem intervalos e, numa velocidade de quarenta e oito frames por segundo, passam-lhe pela cabeça imagens espetaculares daquilo que deve consumir (VIRILIO, 2000). As memórias já não são construídas nos devaneios sobre o passado, mas elaboradas cuidadosamente no âmbito da publicidade. Os devaneios, agora, ligam-se à fantasmagoria da mercadoria e projetam o futuro de um querer sem fim. O homem, já totalmente adaptado ao tempo do relógio, sente que detém o controle de sua vida. Sente-se livre. Protegido por alarmes e vidros blindados, acessa multitelas, vê e opina on-line sobre o que acontece no mundo. É globalizado, é empreendedor de si, não teme o desemprego, vê, na crise, oportunidades. Tem um portfólio de investimentos variados e de seguros que o protege das turbulências do mercado financeiro e dos riscos futuros. Permanece otimista e divulga sua felicidade nas redes sociais.

²² Doutoranda da Universidade de Brasília. E-mail: roseferreira.unb@gmail.com

23. IMAGENS DO FUTURO NOS MUSEUS: ENTRE SONHOS DE PROGRESSO E O PORVIR CONTEMPORÂNEO

Ingridde Engel Alves dos Santos (UnB)²³

“Um museu de ciências diferente, um ambiente de ideias, explorações e perguntas sobre a época de grandes mudanças em que vivemos e os diferentes caminhos que se abrem para o futuro”, é como se autodenomina uma das instituições museais de grande visibilidade no Brasil, o Museu do Amanhã. Sua exposição intitulada “Amanhãs”, apresenta um futuro com maiores taxas de natalidade e menores de mortalidade, fortes desigualdades sociais e ainda o advento de catástrofes “naturais”. Tal configuração de imagens do porvir aparece também com a mesma clareza no Museu do Futuro, em Dubai, que parece ir um pouco mais além, oferece também alternativas para precaver catástrofes ou mesmo conviver com elas, como apresenta Noah Raford – Diretor de operações e Futurista Chefe da Dubai Future Foundation – possibilidades para driblar três impactos da mudança climática, já no ano de 2050: “como obteremos água suficiente para nossas famílias, sociedades e indústrias; como nós cultivaremos comida para nossas crianças; e como nós nos adaptaremos aos impactos de aumento no nível dos oceanos e tempestades em nossas cidades e infraestrutura”. Tal concepção hegemônica do porvir, estampada explicitamente em ambos os museus contemporâneos, um no ocidente e outro no oriente, confirmam que essas instituições, geralmente pensadas como lugares do passado, abrigam também imagens do futuro. A propósito, na relação entre futuro e instituições mnemônicas existe um vínculo histórico que, desde o advento do museu, tem ganhado sentidos distintos e diagramas próprios. Por vezes, foram os projetos de futuro que orientaram as guardas e os métodos utilizados para o armazenamento dos artefatos. Imagens daquilo que os homens imaginavam que deveria ser poupado do tempo, protegido do desgaste, daquilo que deveria ser lembrado pelas gerações futuras, orientaram os projetos museológicos. Outras vezes, foi o desejo de progresso que deu suporte não apenas às seleções de acervo, mas também sua hierarquia, sua ordenação e sua comunicação. Os museus – e mesmo aqueles que não trazem o futuro como peça de acervo – estiveram, de uma forma ou de outra, entrelaçados com que pensávamos sobre o que seríamos um dia, ou ainda, com aquilo que os homens desejavam ser. Não por acaso, as figuras de um amanhã incerto que parece oferecer riscos, ao mesmo tempo que antecipável, aparecem de forma cada vez mais contundente também nos museus atuais. Essa pesquisa aponta para o fato de que os museus constituem dispositivos integrantes do regime de visibilidade atual, intensificando modos próprios, tipicamente contemporâneos, de pensar e imaginar o amanhã, como por exemplo, a sensação de estarmos vivendo, ao mesmo tempo, o fortalecimento de uma cultura da memória e de uma cultura da antecipação. A partir de uma perspectiva genealógica, o trabalho analisa as relações entre os regimes de visibilidade, as imagens de futuro e os museus.

23 Mestranda da Universidade de Brasília. E-mail: ingridde08@gmail.com

24. LIMIAR DA MORTE: JORNALISMO E BIOPOLÍTICA

Marcelo Almeida Duarte (UFMT) e
Deyvisson Pereira da Costa (UFMT)²⁴

A linguagem acerca da morte e do sofrimento ao longo do tempo ressignificou essas afecções. Na Grécia Antiga a morte era vista como algo natural e até desejável. Se o indivíduo era acometido por alguma enfermidade grave, ele tinha o direito de ceifar a vida. Na Idade Média a morte mesmo sendo vista como algo natural já não se permitia que se tirasse a vida por conta própria e isso se dava em função da sacralização da vida. Na Modernidade (XVIII-XX) a morte começa a ser racionalizada. A linguagem acerca da morte também é aprendida pelos regimes de visibilidade. No regime de visibilidade moderno ela é algo que deveria ser vivido na intimidade longe do olhar do outro. No atual regime de visibilidade ela ganha outros contornos quando os indivíduos são incitados a exporem todos os aspectos da vida, inclusive aqueles referentes à morte. Essa visibilidade atual se dá em função dos novos meios de comunicação e das novas tecnologias, que possibilitam o compartilhamento quase instantâneo das experiências. Ademais, os meios de comunicação em um contexto biopolítico assumem a função de ordenar, administrar, gerir, conduzir, disciplinar e regulamentar as condutas dos homens. Neste sentido este trabalho analisa a ressignificação da morte em especial aquela denominada morte assistida e as experiências que acerbam (sofrimento e luto) quando vinculadas na mídia em um cenário biopolítico. Para tal se utilizou como metodologia a acontecimentalização. Utilizou-se de processos como revisão bibliográfica acerca do tema, coleta das reportagens com o tema da morte assistida na edição brasileira do jornal *El País*, publicadas em 2017. Conclui-se que a ressignificação da morte pelos meios de comunicação em especial pelo jornal *El País* busca confrontar a obrigatoriedade de viver a qualquer custo fazendo emergir um novo sujeito que entende que a vida não sendo possível de ser vivida na sua plenitude e de forma autônoma não merece ser vivida. Por fim, o jornal propõe uma conduta diante da morte que escape à vitimização do indivíduo, em que a escolha pela morte represente o ato de um governo de si.

²⁴ Graduando na Universidade Federal do Mato Grosso. E-mail: almeidamarceloduarte@hotmail.com
| Doutor em Comunicação, professor da Universidade Federal do Mato Grosso.

25. A ECONOMIA DA ADAPTAÇÃO CLIMÁTICA EM TEMPO DE MITIGAÇÃO: LEITURA PÓS-COLONIAL DE LIVRO-REPORTAGEM SOBRE AQUECIMENTO GLOBAL

Simão Farias Almeida (UFRR)²⁵

O debate a respeito das mudanças climáticas divide ativistas e cientistas entre modelos de adaptação e mitigação de soluções atuais e futuras. A adaptação, no entanto, exclui os pobres, considerados maiores vítimas do aquecimento global, provocado principalmente pelos países desenvolvidos. As narrativas midiáticas costumam sobrepor as fontes oficiais em detrimento das não oficiais, corroborando assim para legitimar modelos econômicos de adaptação climática contra efeitos imediatos engendrados por poderes públicos muitas vezes negacionistas e para excluir a visibilidade de comportamentos capazes de recuar as causas do aquecimento do planeta a médio e longo prazo. A cobertura jornalística está atrelada a representações temporais problemáticas ou legítimas da atualidade e do porvir, dependendo do compromisso dos meios diante das mudanças climáticas ou da falta dele. O jornalismo, por um lado, costuma cobrir fatos dos dias anteriores às suas publicações com certo caráter forjado de atualidade; por outro lado, desenvolve panoramas históricos e perspectivas futuras em longos formatos. O livro-reportagem *Caiu do céu: o promissor negócio do aquecimento global* (2014), de McKenzie Funk, problematiza e sobrepõe as soluções adaptativas, nivelando-as às práticas mitigadoras apesar de estas serem mais democratizadas nas comunidades tradicionais devido a projetos sustentáveis. Partindo de pressupostos teóricos de David Archer e Stefan Rahmstorf (2010) sobre mitigação climática, de Enrique Leff (2009) a respeito de temporalidades ecológicas e de Richard Maxwell e Toby Miller (2012) em relação à cidadania ambiental, apontaremos os discursos da narrativa jornalística acerca das crises ecológicas e sociais envolvidas na apatia dos Estados nacionais em torno do presente e do futuro comum. Concluiremos que o livro-reportagem precariza sua denúncia ao limitar o enquadramento de fontes oficiais dos países detentores de tecnologias de geoengenharia climática, menosprezando as práticas limpas, sustentáveis e de mitigação dos países em desenvolvimento e subdesenvolvidos.

²⁵ Doutor em Letras – Literatura e Cultura pela Universidade Federal da Paraíba, professor da Universidade de Roraima. E-mail: simon-jp@hotmail.com

26. PODER, CORPO E SEXUALIDADE: UMA POSSÍVEL ANÁLISE DAS ELEIÇÕES DE 2018 NO BRASIL

Guilherme Macedo Silva (UFCA)²⁶

A partir das noções que constituem o pensamento do filósofo Michel Foucault, este texto pretende investigar alguns eventos isolados que ganharam grandes proporções e foram centro de debates nas eleições de 2018 no Brasil; a relação de uma espécie de marketing da propaganda política, sobretudo quando usada como ataque de um segmento em relação a outro, o que em termos foucaultianos podemos denominar como dispositivo da sexualidade.

Pensar por que esse tipo de tema cabe no conteúdo do cenário político de uma corrida eleitoral, ou melhor, que acontecimentos nessa tocante são o que mais interessam aos marqueteiros de campanhas, talvez seja a grande questão desta pesquisa. Quando Foucault marca na *História da Sexualidade I* um deslocamento importantíssimo para compreensão do nosso presente, do poder disciplinar para um biopoder (2017, p. 150), uma nova forma de sociabilidade, com novas técnicas, interditos, discursos emergem com uma finalidade muito bem demarcada: gerir corpos a uma razão de estado. A vida é capturada.

O regime biopolítico se organiza e atua a partir de uma instrumentalização do corpo social que cada vez mais aprimora suas técnicas de manejo (regulações, especismos), ao mesmo passo que uma ciência sexual se desenvolve com bastante exatidão, sobretudo no século XIX (2017, p. 59), e a facilidade com que o binômio saber/poder atravessa a vida dos sujeitos constituem uma nova política que classifica e distribui esses corpos em seus circuitos de controle.

Os ataques a Manuela D'Ávila decerto foram o que mais pode ser visto durante a circulação de materiais de campanha; as fake news que criavam tatuagens falsas em seu corpo, a superexposição quando amamentava a filha em plenárias, as roupas pouco convencionais ao que se costuma ver em ambientes institucionais serviram de elementos para um cuidadoso projeto que atribuía a sua imagem uma incapacidade de compor qualquer espaço de governo. É aqui onde começa o processo que Foucault chamou de histerização do corpo da mulher, que pelo crivo de um saber/poder se constata um lugar de exclusão e a mulher é lançada num imperativo de uma responsabilidade biológico/moral indiscutível, um corpo limitado a assegurar a procriação da espécie, a educação das crianças (isenta de qualquer aproximação no que se refira à atividade sexual), além de toda uma economia social formatada na ideia de um casal heterossexual, monogâmico. Do mesmo modo, um vídeo vazado que mostrava um homem fazendo sexo com quatro mulheres, atribuído a João Dória, então candidato a governador de São Paulo, aponta de novo para um discurso de patologização do sexo; agora no que podemos chamar de psiquiatrização dos prazeres ou somente de uma perversão, que diz também através de um dado moral que qualquer pessoa que experimente relações fora da ideia do "bom sexo" deva ser imediatamente desqualificada para assumir qualquer cargo público. Nas eleições de 2018 no Brasil, o bom uso do sexo teve a força de enterrar e eleger políticos.

²⁶ Graduando da Universidade Federal do Cariri. E-mail: guesdesguilherme996@gmail.com

27. A MATERNIDADE ASSISTIDA: AMBIVALÊNCIA DOS DISCURSOS SOBRE BARRIGAS DE ALUGUEL, TÉCNICAS DE REPRODUÇÃO E FERTILIDADE NA INTERNET

Angélica Fonsêca de Freitas (UFF)²⁷

Em grupos específicos da internet, mulheres anunciam a sua disponibilidade para oferecer serviços conhecidos como "b.a" (barriga de aluguel) ou até mesmo "bio", ou seja, "mães biológicas" dispostas a "doar" às pessoas interessadas um filho por elas gestado e com seu material genético. Esse mercado paralelo (e, às vezes, complementar) às clínicas de reprodução assistida, que também têm proliferado nos últimos anos, conforma um novo território que insta ao questionamento sobre o que significa "tornar-se mãe" e "estar grávida" na contemporaneidade.

As clínicas de reprodução assistida, laboratórios de genética e agências de barriga de aluguel oferecem uma série de serviços extremamente variada, que inclui desde a programação do coito para otimizar as chances de gravidez até o transplante de útero de doadoras falecidas. As técnicas de reprodução assistida permitem à mulher mitigar os riscos dos efeitos do tempo no útero e deixar as bordas do futuro mais turvas quanto à maternidade. O acaso que costumava marcar esse episódio da vida agora é substituído pelo sonho de um gerenciamento dos diversos fatores nele envolvidos: controle da fecundidade, acesso facilitado ao material genético masculino em bancos de esperma ou em grupos online de inseminação artificial caseira, flexibilização jurídica para registro de "mães solas" que passaram por tratamentos de reprodução assistida, etc.

Com a popularização dos métodos contraceptivos, compreendendo uma ampla gama de tecnologias para o controle de natalidade e do aborto (especialmente para mulheres com privilégios socioeconômicos), a possibilidade de optar pela não-maternidade como uma opção propiciada pela cultura e não como um destino biológico modifica algo que se acreditava imodificável. Agora, pelo menos algumas mulheres não são obrigadas a gerar contra sua vontade. A gravidez e a maternidade são vividas com uma multiplicidade de sentidos, em especial para aquelas que almejam tanto tornar-se mãe que recorrem às mais contemporâneas técnicas de gerenciamento da fertilidade.

Diante deste solo, sob uma perspectiva genealógica, analisa-se alguns discursos emitidos por instituições médicas especializadas em reprodução humana (tais como campanhas publicitárias e conteúdos disseminados na internet) e, também, aqueles que circulam nos grupos online dedicados a mercantilizar os serviços de barriga de aluguel e a "adoção à brasileira". Dessa forma, busca-se compreender algumas implicações ligadas às estratégias de visibilidade e construção de subjetividades associadas a essas novas práticas, que sacodem e subvertem alguns valores tidos -- até muito pouco tempo atrás -- como naturais ou biológicos e, portanto, inquestionáveis. Assim, objetiva-se mapear alguns desses novos sentidos que a noção de maternidade está ganhando na segunda década do século XXI.

27 Doutoranda da Universidade Federal Fluminense. E-mail: angelica.fonseka@gmail.com

28. FRUTO DA ERA FARMACOGRÁFICA: ENSAIO TEÓRICO SOBRE PASSADO, PRESENTE E FUTURO DA PrEP

Mayllon Lyggon de Sousa Oliveira (UFG) e
Suely Henrique de Aquino Gomes (UFG)²⁸

Este trabalho se propõe a analisar uma nova tecnologia de subjetivação farmacopornográfica (PRECIADO, 2015): a Profilaxia pré-Exposição, que é fruto de um conjunto de tecnologias de combate ao HIV e que teve só nesse ano um aumento de 38% no número de cadastrados para receber a medicação pelo SUS. A PrEP tem se tornado uma alternativa no combate ao crescimento de novas infecções de HIV entre jovens no Brasil, uma vez que a ingestão do coquetel tem eficácia superior à 90%. Enquanto o fantasma da AIDS volta a assombrar uma população que não viveu as perdas ocasionadas pela epidemia, a PrEP inaugura-se como tecnologia de subjetivação, cujos efeitos somatopolíticos são o que objetivamos estudar a partir deste ensaio teórico. Dessa feita, o norte que trilhamos é: “Em que condições a PrEP surge e a partir de que configuração social e política ela se insere e inaugura novos corpos e sujeitos?”

O contexto de surgimento da PrEP é o que Preciado (2014) chama de Era Farmacoponográfica. Essa configuração social é diferente da sociedade disciplinar dos séculos XVII, XIX e XX, na qual os corpos transitam de um espaço à outro e que era neles confinado na tentativa de “concentrar, distribuir no espaço, ordenar no tempo”, em suma, uma sociedade cujo princípio era reparar os sujeitos (DELEUZE, 1992). Hoje a sociedade está muito mais pautada no controle, em que “nunca se termina nada, a empresa, a formação, o serviço sendo os estados metaestáveis e coexistentes de uma mesma modulação, como que de um deformador universal” (DELEUZE, 1992, p. 221). Ela não está mais ligada à violência do Estado, baseada em dispositivos arquitetônicos, mas numa substituição da disciplina pela vigilância, em uma formação integral e interminável.

Ao criar novas possibilidades de gestão das populações das cidades institui-se uma governamentalidade: a biopolítica. Tal exercício viabiliza a otimização e aproveitamento do corpo pelo estado e pelas instituições (FOUCAULT, 2008). A mudança é tão brusca que, se antes habitávamos lugares (escola, igreja, hospitais), passamos a ser habitados por eles (medicamentos), a habitar com eles (os smartphones). Preciado (2014) diz que em um século passamos do panóptico à pílula anticoncepcional, da torre de vigilância à vigilância introjetada, de um sistema de disciplinas no qual o indivíduo é produto do poder, para um sistema em que ele o consome e administra cotidianamente sobre si mesmo. A partir do poder, a biopolítica se consolida como da gestão do corpo das populações e substitui a disciplina pela vigilância e pela formação integral e interminável. Nesse contexto, presenciamos a emergência de novos efeitos que surgem atravessados pelo fluxo de medicamentos na corrente sanguínea, pelas cirurgias estéticas e emergenciais, na produção e circulação imediata de informação e discursos. É nesse novo cenário – de coleta de dados, consumo de informações e fármacos e de excitação e frustração constante – que a PrEP emerge inaugurando subjetividades novas.

²⁸ Doutorando da Universidade Federal do Goiás. E-mail: mayllon.lyggon@gmail.com | Doutora em Ciência da informação, professora da Universidade Federal de Goiás.

29. BIOPOLÍTICAS E VELHICE: GESTÃO DE CORPOS NA CONTEMPORANEIDADE

Vanessa Santos de Freitas (UnB)²⁹

“Cientistas conseguem reverter envelhecimento pela primeira vez”, esse é o título de uma notícia de setembro de 2019 (GALILEU, 2019) que demonstra o “sucesso” de um experimento em que os idosos “rejuvenesceram”, em média, dois anos e meio. O envelhecimento na contemporaneidade perpassa os sentidos de enxergar a velhice como uma doença que pode (e deve) ser curada. Esse projeto da tecnociência contemporânea concede significados de aversão à materialidade orgânica e viscosa do corpo, sendo considerado “inexoravelmente obsoleto” (SIBILIA, 2015, p. 108). A importância da tecnociência na contemporaneidade demonstra quais sentidos estão relacionados com a ideia de progresso e de futuro para a humanidade, sendo esse projeto da “cura” da velhice um projeto político, econômico e social.

A velhice mais próxima de como a entendemos hoje foi disseminada na Modernidade. No início do século XVIII a expectativa de vida nas sociedades europeias era em média de 40 anos; passado um século a expectativa média passou a ser de 75 anos. Conforme demonstra Foucault (2000), houve uma mudança significativa na configuração do poder nos séculos XVII e XVIII, que refletiu nesse considerável aumento da expectativa da vida no século XIX. A mudança se deu nas tecnologias de poder, que perderam a prevalência de técnicas centradas no corpo individual, passando a ter um caráter massificante. Para essa nova forma de tecnologia de poder, Foucault denomina biopolítica. A partir desse olhar massificante da população, passaram a ser objetos de controle a natalidade, a mortalidade e a longevidade. Cabia ao Estado o controle sobre o direito de “fazer viver e de deixar morrer” (FOUCAULT, 2000, p. 294). Sendo assim, surge uma preocupação com o fazer envelhecer da população, com mecanismos que irão buscar alterar as probabilidades e tentar compensar os eventos fortuitos de uma população.

Na contemporaneidade, o neoliberalismo engendra formas de subjetividade perpassadas pela lógica de mercado, o indivíduo é um consumidor e gestor de si mesmo. Com isso, a responsabilidade do Estado como ocorria na modernidade é transferida para o indivíduo, emerge assim, uma nova regulamentação da vida voltada para a gestão privada e perpassada pela lógica mercadológica (CALIMAN, 2013). Esse fenômeno também perpassa a velhice contemporânea, em que há a reprivatização do envelhecimento, tendo o indivíduo a responsabilidade de ter um envelhecimento “bem-sucedido” ou não. Sendo o velho “bem-sucedido” aquele que se mantém autônomo e que aderiu às condutas de consumo e estilos de vida considerados “adequados” para a velhice (DEBERT, 1999). A partir dessas noções, se faz evidente a necessidade de esmiuçar os projetos de engendramento de corpos velhos na contemporaneidade, quais os discursos que perpassam esse envelhecimento “bem-sucedido”, a quem interessam e de que forma afetam as subjetividades dos indivíduos.

²⁹ Mestranda da Universidade de Brasília. E-mail: vanessantosf@gmail.com

30. ANTROPOMODIFICAÇÃO E OUTRAS METAMORFOSES

Ana Saggese (UnB)³⁰

O artigo analisa, a partir do mito de Aracne, narrado por Ovídio, em *Metamorfoses*, como o meio digital transformou nosso corpo e subjetividade e nosso modo de ser e agir no mundo. Como uma aranha que produz fios transparentes e cria redes invisíveis, nós nos atamos às novas tecnologias. A crescente demanda por consumo e produção de informação, no entanto, não consegue explicar a atualidade.

Como castigo por ousar desafiar e vencer Palas Atenas na arte de tecer, Aracne é transformada em uma aranha. Seu corpo vira um enorme ventre de onde pendem pequenos dedos e por onde sai um fio transparente. “Vive, todavia, mas vive suspensa, malvada. E, para não teres esperança no futuro seja a mesma pena decretada para sua família e teus remotos descendentes”, diz a filha de Júpiter. Só resta a Aracne tecer teias transparentes por toda a vida.

Como Aracne, hoje, somos todos participantes da produção ininterrupta de uma enorme rede de comunicação; alegres engendramos esse tecido digital onde “(c)ada um é remetente e destinatário, consumidor e produtor ao mesmo tempo”, segundo Byung Chul Han. Nos entregamos a esse espetáculo feérico, participativo e diáfano que é o meio digital, em que tudo foi dissolvido no ar e, pendurados por fios tênues, construímos livremente nossas redes. Estamos no mundo, não mais na intimidade do lar, onde Aracne repuxava os fios e desmaranhava a lã. Nossos dedos também são pequenos e ágeis, mas na arte de teclar. O tempo contemporâneo está compreendido entre “postar” uma imagem e receber um like. Esse pequeno interregno é o tempo da angústia.

Se, para Roland Barthes, a esfera privada era “aquela área do espaço, do tempo, na qual eu não sou uma imagem, um objeto”, hoje esse lugar já não existe. A intimidade transformou-se em “extimidade”, segundo Paula Sibila. Precisamos urgentemente nos fazer ver. Tudo é tela, aparência, espetáculo. Como diz Han, em *Psicopolítica*, o like é nosso amém digital. Somos amados na medida do alcance de nossa rede. É possível quantificar, mensurar. Empresária de si, Aracne explora o vasto mundo que se abre. A web é praticamente ilimitada e nossa amiga quer agarrar tudo com suas pequenas patas. Quer apresentar uma imagem positiva de si. Para Dardot e Laval, em *A nova razão do mundo*, o neoliberalismo produz certas relações pessoais, estilos de vida e, principalmente, subjetividades. “O modo como somos levados a nos comportar e a nos relacionar com os outros e com nós mesmos faz parte da engrenagem que o sustenta. Competição generalizada, intimidação de assalariados, populações em lutas econômicas entre si, relações pessoais guiadas pela lógica do mercado, sujeitos que se comportam e se constituem como empresas, justificam e aprofundam desigualdades cada vez maiores.” Para os autores, a competição ou concorrência constituem-se como marcas do progresso da humanidade, como fundamentos da espécie humana que igualam o homem a qualquer espécie.

30 Mestranda da Universidade de Brasília. E-mail: anasaggese@gmail.com

31. O RECONHECIMENTO FACIAL E AS FRAGILIDADES DA PROTEÇÃO JURÍDICA SOB A PERSPECTIVA DA BIOPOLÍTICA FOUCAULTIANA

Maria Fernanda Battaglin Loureiro (UFPR)³¹

Propomos uma investigação acerca dos instrumentos de regulação jurídica e sua reconfiguração diante da presença das novas tecnologias na vida social. Por meio de revisão bibliográfica, pretendemos explorar algumas das implicações recentes da crescente utilização da tecnologia de reconhecimento facial, que, a partir da captura de elementos biométricos da face (dados corporais), carrega consigo a promessa de realizar a identificação precisa dos seres humanos, seja de forma individualizada, seja em meio a uma multidão, garantindo maior segurança. O interesse a respeito dessa tecnologia específica surgiu em razão de pesquisas elaboradas em outros países que evidenciam que as taxas de falha no reconhecimento de mulheres negras é superior às taxas de falha no reconhecimento de homens brancos. A problematização dessa questão no Brasil é urgente, especialmente, quando surgem casos em que câmeras habilitadas ao reconhecimento facial apontaram, erroneamente, duas mulheres como se fossem foragidas do sistema penitenciário e as fez passar pela injustiça de serem detidas por policiais enquanto andavam nas ruas do Rio de Janeiro. A vulnerabilidade do método de identificação eleito levanta uma série de problemáticas jurídicas, sociais e de gênero. O foco será nas repercussões jurídicas, considerando a nossa formação, no entanto, não deixaremos de nos atentar aos elementos subjacentes ao tema, especialmente, em decorrência do marco teórico escolhido como um caminho para a sua compreensão e problematização. O ponto de partida teórico são as formulações de Michel Foucault sobre a biopolítica. Na esteira da obra desse autor e de outros autores contemporâneos, procuramos trabalhar a respeito das noções de dispositivos de segurança e de governamentalidade neoliberal, na medida em que a biopolítica é o ambiente propício para o seu desenvolvimento. A partir disso, apresentamos uma leitura conjunta da crítica foucaultiana e dos processos de regulação jurídica, influenciados pela chamada razão neoliberal, mas que guardam resquícios do direito moderno clássico. A esse debate se insere a questão do impacto que as novas tecnologias, como as de reconhecimento facial, causam sobre o controle da população e de seus corpos. O ponto de conexão com a dogmática jurídica diz respeito à aposta no direito à privacidade e à proteção de dados pessoais como instrumentos que orientam os usos das tecnologias, não necessariamente como instrumentos que protegem as pessoas. Isso leva ao estudo do documento normativo que revela as fragilidades de tal aposta, o que permite interrogar o real papel do direito frente a situações concretas de emprego dessas tecnologias, tendo como referência principal a análise da Lei Brasileira de Proteção de Dados Pessoais, n.º 13.709/18.

³¹ Mestre em Direito das relações sociais, egressa da Pós-Graduação da Universidade do Paraná. E-mail: battaglinloureiro@gmail.com

32. FUTUROS ALGORÍTMICOS: REGIMES DE TEMPORALIDADE DA INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL

Paula Cardoso Pereira (UFRJ)³²

Se o Big Data se transformou em *templum* para as indústrias do mercado, da ciência e da guerra, o algoritmo é visto contemporaneamente como um “pequeno mago” (FINN, 2007) capaz de revelar os “signos da previsão” através de técnicas e modelos estatísticos. Nesse regime de temporalidade em que o futuro é circunscrito à esfera do provável e o passado se transforma em mero acúmulo de padrões, a racionalidade do algoritmo emerge como parte das novas epistemologias do poder. Seu funcionamento implica a formação de uma rede cuja capacidade de direcionar política e economicamente a atual conjuntura parece já inquestionável: o algoritmo se tornou não apenas fundamental para o capitalismo contemporâneo como inaugurou novas formas de extração de valor a partir dos dados e um rearranjo topológico dos diagramas de poder. Tais transformações podem ser entendidas na esteira de um projeto que tem como horizonte a regulação automatizada e preemptiva dos campos da interpretação, decisão e ação.

Nesse cenário, os algoritmos preditivos da inteligência artificial, especialmente aqueles baseados no aprendizado de máquinas (*machine learning*), materializam um conjunto de técnicas, práticas, saberes e discursos que progressivamente permeiam e modulam perceptiva, cognitivamente, epistemológica e politicamente nossos modos de existência pessoais e coletivos, compondo agenciamentos sociotécnicos altamente automatizados de captura, controle e classificação cujo uso crescente nos mais variados âmbitos é indissociável das mutações e reordenamentos dos regimes da vigilância e dos discursos e lógicas do risco que orientam as práticas securitárias contemporâneas. O caráter preditivo e preemptivo dos regimes de temporalidade destas “máquinas preditivas” (BENBOUZID & CARDON, 2018) está intimamente relacionado às suas bases epistemológicas que operam por indução estatística através do reconhecimento de padrões e da detecção de anomalias (PASQUINELLI, 2015). Eles colocam assim estimativa provável no centro de todas as projeções temporais contribuindo para uma “desfuturização” do possível (ESPOSITO apud BENBOUZID & CARDON, op. cit). Ademais, como aponta Parisi (2017), um fator crucial para o regime de conhecimento desses objetos técnicos reside na capacidade que têm de “pensar com e através” do desconhecido, da incerteza e da indeterminação.

Assim, o presente trabalho pretende problematizar o regime de temporalidade dos algoritmos preditivos da inteligência artificial, perguntando-se tanto pelas implicações e efeitos desse “futuro algorítmico” para o entendimento das categorias temporais mais elementares quanto pelas bases epistemológicas e contexto científico que os originaram. Finalmente, nos interessa pensar que relações que podem ser estabelecidas entre as práticas da previsão algorítmicamente produzidas, as “lógicas operativas da preempção” (MASSUMI, 2015) e as mutações do biopoder na contemporaneidade.

³² Doutoranda da Universidade Federal do Rio de Janeiro. E-mail: paula.cpereira@gmail.com

33. EXTERMINADOR DO FUTURO: O IMPACTO DO NEOLIBERALISMO NA EDUCAÇÃO NO BRASIL

Alexandre de Oliveira Pereira e
Jéssyca Lorena Alves Bernardino (SMEVALGO)³³

“Brasil, o país do futuro”, uma frase usada no começo do século XX para falar sobre o potencial que a nação tinha para se desenvolver. Como? A resposta mais comum seria: educação. Contudo, de que forma fazer tal frase se tornar realidade em um ambiente no qual se prioriza ideários neoliberais? Segundo o neoliberalismo, o Estado prejudica o crescimento econômico e sua diminuição é necessária deixando que o mercado controle as principais atividades econômicas. Sendo assim, no atual contexto contemporâneo, o biopoder tornou-se a forma hegemônica de gerir as vidas por meio da lógica empresarial: através do regime da eficácia. Através desse pensamento que as sociedades do âmbito neoliberal são regidas preferindo o individual se sobressair ao coletivo. Com isso, há uma inversão de forças, pois cabe ao indivíduo, e não ao Estado ou ao coletivo, administrar e gerenciar a própria vida. A ideia empresarial ganhou o mundo e tem ressonância em diversas áreas e entre elas: os sistemas de educação. Dentro desse pensamento, a educação faz parte desse mercado no qual o cliente tem o poder de escolher através da oferta e procura o melhor para seu consumo. Com isso a educação é tratada como uma mercadoria, apresentando diversos atrativos com o intuito de fidelizar seu cliente. As escolas seriam, portanto, empresas que lutariam através da concorrência para oferecer o melhor produto e aquela que não se adequar ao mercado está findada a desaparecer. Deve-se ressaltar que a competição, com base na lógica do biopoder, ocorre a nível de indivíduos, que, traduzindo para o mundo educacional, seriam os alunos. Com este propósito, os alunos transformam-se em clientes sedentos por resultados que buscam um produto que satisfaça suas ambições. Dentro desse modelo, a educação visa resolver os problemas individuais, e não coletivos, em que o sucesso ou o fracasso estariam correlacionados à performance individual no mundo competitivo de mercado, que se inicia no âmbito escolar. No entanto, este modelo não se interessa em entender e melhorar as diversas realidades escolares que são complexas, já que o ideário neoliberal só faz intensificar as desigualdades entre as escolas e, portanto, entre os indivíduos. Desse modo é possível inferir que o futuro se torna bastante incerto, envolto em uma neblina, pois como será possível competir/estudar igualmente dentro de uma lógica de mercado se há razões sociais, raciais e classistas para manter uma vala entre a educação dos mais ricos e a educação dos mais pobres?

33 Professores da Secretaria de Educação de Valparaíso de Goiás. E-mail: alexguitar9@gmail.com

34. PENUMBRAS DO FUTURO: QUANDO AS INSTITUIÇÕES DE ENSINO ESTÃO A SERVIÇO DO MERCADO

Regiane Lorenzetti Collares (UFCA) e
Luis Celestino de França Júnior (UFCA)³⁴

Este trabalho tem como objetivo tematizar as pontes que se estabelecem no patamar de programas educacionais de governo entre educação e futuro. Tal análise aqui desenvolvida se dará na confluência de inflexões da biopolítica e das bases de políticas neoliberais. Entre os temas que serão levantados destacam-se as noções de modernização, de progresso e de eficiência. A partir do entendimento de educação como mercadoria, uma racionalidade empresarial parece se imbricar na trama de modelos pedagógicos contemporâneos, fazendo com que a escola se subordine a imperativos econômicos e adaptativos, em que as instituições de ensino passam a ser cobradas pela elevação do nível de desempenho dos alunos, em que também as reformas de ensino são agora fundamentadas e pautadas em índices retirados de relações de competitividade, normatizando com isso conteúdos e metodologias. Neste sentido, a promoção da modernização, em sua injunção com o progresso, lugar-comum das propostas e reformas educacionais, ao se lançar como uma ponte para o futuro, ou então se autoconjugam como o melhor do tempo que virá para a educação, na expressão de um “future-se”, por exemplo, surge como uma novidade, um futuro que já está prescrito, calculado e contabilizado pela lógica excludente do mercado, e que, portanto, retém, limita e regula e, por vezes, anula as mudanças individuais e coletivas, comprometendo todo um contexto de espontâneos deslocamentos ético-políticos. Assim, políticas neoliberais ligadas à gestão da vida, vinculadas à produção de “empreendedores de si mesmos”, quando se acoplam aos dispositivos de poder ligados à educação, formam indivíduos, sob uma fria racionalidade, mais comprometidos em ser eficientes para o mercado, a produzir modos particulares e inusitados de existência, que teriam a potência inclusive de subverter toda uma lógica de vida apoiada nos valores ditados pelo valor da mercadoria. Talvez um dos maiores paradoxos que os programas políticos voltados à educação tenham que lidar hoje é o fato de que a equação modernização, progresso e eficiência não se resolve na ideia de um futuro melhor e que, muito pelo contrário, tal injunção, sob o empuxo do capitalismo, leva a resultados catastróficos, com grandes perdas na dimensão da cultura e da transmissão de saberes.

34 Professores na Universidade Federal do Cariri. E-mail: regiane.collares@ufca.edu.br

35. O QUE PODEM AS SÉRIES DE TV FACE À VIOLÊNCIA DE ESTADO? PEDAGOGIA, POLÍTICA E FUTURO

Ilana Feldman (USP)³⁵

A ficção seriada televisiva vem delineando, segundo diversos autores, uma era de complexidade narrativa bastante inovadora do ponto de vista de seus procedimentos narrativos e estilísticos, bem como bastante provocadora do ponto de vista de seus efeitos políticos. São expressivos desse movimento um número significativo de dramas seriados distópicos, sejam aqueles que especulam sobre um futuro sombrio, sejam aqueles que reencenam um acontecimento traumático de nosso passado, atualizando o problema em questão e apontando para um futuro ameaçado. Destaca-se nesse segundo grupo a minissérie “Chernobyl”, criada pelo roteirista Craig Mazin para o canal HBO. Com apenas cinco capítulos e uma encenação de impactante realismo do desastre nuclear soviético ocorrido em 1986, a minissérie teve imensa repercussão internacional de público e crítica, gerando uma série de debates sobre a iminência de novos desastres nucleares, assim como sobre as atuais mentiras e manipulações de Estado.

Décadas antes de “Chernobyl”, a minissérie “Holocausto”, de Marvin Chomsky, realizada em 1978 para a rede norte-americana NBC, abalou o modo com o mundo enxergava o massacre étnico promovido pela Alemanha nazista, redefinindo políticas de governo nos EUA e na Alemanha e instaurando, segundo historiadores e estudiosos, uma inédita centralidade do testemunho no campo da cultura. De acordo com a historiadora francesa Annette Wieviorka, em seu livro seminal *L'ère du témoin* (A era da testemunha), a série teve como consequência nos Estados Unidos o mesmo efeito que o Processo Eichmann provocou em Israel no início dos anos 1960: disparar nos sobreviventes um desejo ardente, e bastante novo, de testemunhar e narrar o que fora vivido nos campos de extermínio, criando assim uma nova paisagem mnemônica.

Teria “Chernobyl” a chance de replicar o feito inaugurado pela minissérie “Holocausto”? Poderia ela vir a adensar os debates em curso sobre as atuais e futuras catástrofes ambientais? O que podem o cinema e o audiovisual face à violência de Estado, à ascensão dos autoritarismos, a um passado traumático e a um futuro ameaçado? Como defende o filósofo e historiador das imagens Georges Didi-Huberman, o que a Shoah, ou o Holocausto, como paradigma da dificuldade da representação da violência extrema, assinala é que esse singular ou incomparável momento da história precisa, justamente, ser comparado, isto é, não ser deixado isolado em seu devir histórico. E para isso é preciso uma pedagogia que tente dar legibilidade àquilo que até então parecia ilegível, incompreensível ou invisível. Uma pedagogia que, na qualidade de uma poética das imagens, possa abrir o sentido (a significação) aos sentidos (as sensações) aguçados do espectador. Uma pedagogia, em suma, que nos estimule a imaginar, nem que seja imaginar um outro fim do mundo possível. Só assim poderemos abrir os olhos para a violência do mundo inscrita nas imagens.

³⁵ Pós-doutoranda da Universidade de São Paulo. E-mail: ilafeldman@gmail.com

36. SUICÍDIO JUVENIL E CULTURA DO DESEMPENHO: UMA ANÁLISE SOBRE O DISCURSO DO DESEMPENHO NA MÍDIA BRASILEIRA

Isabela Dias Braga (UnB) e
Fabiola Orlando Calazans Machado (UnB)³⁶

Comportamentos preocupantes circundam a rotina acadêmica, como tais, a sobrecarga de atividades, noites mal dormidas, nível altíssimo de estresse, sintomas de doenças psíquicas, dependência de psicotrópicos e uma ocorrência notável de casos de suicídio. Por meio de relatos e dados sobre o cenário universitário brasileiro, busca-se por meio deste estudo compreender o suicídio como fenômeno social, o papel da mídia diante da problemática e sua relação com a cultura do desempenho e imperativos performáticos contemporâneos. Além de argumentação teórica, o embasamento empírico deu-se por meio da aplicação de questionário no âmbito da Faculdade de Comunicação (FAC) da Universidade de Brasília (UnB), visando responder ao objetivo em questão.

36 Graduanda e bolsista de iniciação científica da Universidade de Brasília. E-mail: idbisabela@hotmail.com | Doutora em Comunicação, professora da Universidade de Brasília.

37. ABERTURA AO NEOLIBERALISMO EM CUBA: REALIDADE OU ESPECULAÇÃO? UMA ANÁLISE DOS DISCURSOS MIDIÁTICOS ACERCA DO FUTURO DO REGIME SOCIALISTA EM CUBA

Yanet Castellanos Arguelles (UnB)³⁷

Com a implantação do caminho ao socialismo em Cuba, no ano 1959, inicia-se um processo de asfixia econômica conduzida pelo governo dos Estados Unidos de América. O fim do Campo Socialista Russo, então principal aliado, junto à persistente política dos EUA, recrudesce as dificuldades socioeconômicas no país notavelmente a partir do ano de 1989, levando a economia cubana ao fundo do poço e dando início ao Período Especial. Cuba entra numa fase de isolamento econômico, tendo como principal consequência a falta de matérias primas, fato que foi acentuado pelos embargos.

Hoje, a economia cubana tem como problema fundamental as dificuldades de uma economia em um país que conta com escassos recursos naturais e que lida com um comércio interno complexo ao operar com várias moedas. Assim sendo, o governo cubano tem implementado novas estratégias políticas e econômicas nos últimos anos, o que inclui mudanças na Constituição de 1976, para instituir a nova Constituição de 2019. Esta última reconhece o mercado, a propriedade privada e o investimento estrangeiro como mudanças necessárias para impulsionar o crescimento da economia do país. Como resultado das mudanças mencionadas e outras que incluem a referida Constituição, existem vários artigos tanto de acadêmicos quanto de opinião nas redes (jornais, plataformas de pensamento acessíveis na internet e na mídia em geral) que manifestam abertamente que a abertura ao neoliberalismo representa o fim do socialismo em Cuba. Sob este contexto, busca-se analisar um conjunto de discursos midiáticos (artigos acadêmicos e jornalísticos, blogs etc.), que centram o debate acerca do futuro do regime socialista em Cuba, com o pressuposto dos desvios do socialismo e abertura ao neoliberalismo. Demonstrando que, diferentemente de tais discursos, a progressiva abertura que o governo cubano vem fazendo a determinados procedimentos ligados ao neoliberalismo não representa o fracasso do projeto socialista, pelo contrário, são formas de revitalizar e produzir a manutenção do próprio regime socialista.

Para ilustrar tal argumento, podem ser citados dois exemplos. O primeiro trata sobre a implementação da internet na sociedade cubana, a qual está sendo feita de forma paulatina, com o propósito de evitar o trabalho ideológico por parte dos inimigos do socialismo cubano, ao mesmo tempo em que são empregadas as redes de internet e intranet para o desenvolvimento do conhecimento, da economia e da atividade política e ideológica no país. Sabe-se que é fundamental o acesso à internet, mas a implementação está se dando ciente de que é um meio que pode ser manipulado pelo imperialismo como uma via mais de destruir a Revolução. O segundo exemplo refere-se à introdução da propriedade privada, ou "cuentapropismo", que surgiu para ajudar a incrementar a economia do país, assim como para solucionar o problema dos baixos salários em consenso com as demandas da população, porém sempre com o controle do Estado em prol da cidadania.

³⁷ Doutoranda da Universidade de Brasília. E-mail: yanetca00@gmail.com

38. FASCISMO E A COMUNICAÇÃO: COMO O TOTALITARISMO UTILIZA A MÍDIA COMO UM MEIO DE ARTICULAÇÃO COMUNICACIONAL

Adriano Vinícius Leite Fernandes (UnB)³⁸

Os meios comunicacionais sempre foram extremamente influentes nos sistemas políticos, seja no sentido da mensagem democrática ou da articulação de uma massa. Todos os recursos da comunicação já foram amplamente explorados, desde o rádio, o cinema, a televisão e agora, nos tempos atuais, a própria internet. O uso da mídia e da propaganda como implemento do fascismo, principalmente do cinema, sempre foi usado como um artifício para um controle de sua devida nação. Walter Benjamin, já em 1930, nos primórdios da origem do Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães, em seu texto *Teorias do Fascismo Alemão*, já previa a estética comunicacional vinculada ao Partido Nazista usando a arte, ou, no caso, a propaganda, como um meio de politização.

As conhecidas “fake news”, termo utilizado para notícias e situações não factuais, é a forma da nossa era atual de se atribuir a esse mesmo controle comunicacional. Um exemplo disso, de como era usado antigamente, são as fotografias de soldados nazistas com pessoas enforcadas, editadas para que parecessem uma foto amigável entre o povo e os soldados. Estas foram usadas como propagandas de avanço do progresso da Wehrmacht. Em pleno fim da segunda década dos anos 2000, o fascismo e seus estigmas ascendem novamente pelo mundo. O neoliberalismo, “exemplo” de princípio econômico é utilizado por países da América Latina como uma rota alternativa aos meios sociais e democráticos atribuídos ao estado. Meios midiáticos exploram muito bem e representam, até mesmo por artifícios ficcionais, o impacto que gera um grupo formado por ideologias destrutivas. Atualmente, as mídias sociais, principalmente o aplicativo de comunicação Whatsapp, se aplica nesse mesmo princípio usado na década de 40, com o mesmo recurso de desinformação do público para o controle de opinião de massas e para conseguir a promoção e apoio do povo. Uma “mera” coincidência dos recursos usados na eleição do atual presidente da república, aplicando por meio dessa mídia a condenação da esquerda.

Hannah Arendt descreve em seu livro *Origens do Totalitarismo* a questão de que líderes totalitários se baseiam na crença da massa, de uma maneira quase como a fé cristã, e do próprio cinismo. Estes utilizam-se da propaganda pelo viés psicológico. A partir disso eles conseguem fazer com que as massas acreditem em certas afirmações. Entretanto se posteriormente forem apresentadas provas concretas de que essas afirmações são falsas, ele então se esconderá no cinismo. Entretanto, esse grupo de seguidores, claramente manipulados, em vez de abandonar seus líderes pela falsidade irão então afirmar que já sabiam o tempo todo de tal falsidade e então a admiração desse líder crescerá mais ainda. Um claro artifício usado por líderes atuais como Donald Trump e o presidente Jair Messias Bolsonaro.

³⁸ Aluno especial da Pós-Graduação em Comunicação da Universidade de Brasília. E-mail: adrianofernandes626@gmail.com

39. BOLSONARO, TRUMP E BANNON: O FUTURO NAS IMAGENS DA POLÍTICA CONTEMPORÂNEA

Letícia Panzette de Oliveira (UnB)³⁹

A capacidade de controlar o futuro ou o devir sempre determinou quem deveria ter direito ao poder (KOSELLECK, 2006). No auge do sentimento coletivo do progresso, o futuro aparecia nos discursos políticos como sentido unificador de uma sociedade rumo a sua versão melhorada, ou mesmo como uma forma de sacrifício coletivo empreendido pelas mãos de um salvador por um amanhã melhor (DUPAS, 2006). A ciência do "progresso", que parecia uma grande aliada nesse projeto, demonstrou seu potencial devastador pelas mãos de capitalistas democráticos, fascistas e até mesmo das que muitos entendiam como socialistas (BENJAMIN, 2003). Hiroshima, Nagasaki, câmaras de gás e Chernobil, respectivamente, reorganizaram subjetividades e postularam a ciência em um lugar dúbio. Ao mesmo tempo em que ela é cada vez mais capaz de visualizar problemas invisíveis e calcular suas respectivas prevenções, é ela própria também uma potencial produtora de catástrofes para as quais não é capaz de oferecer qualquer resposta (BECK, 2015).

Em poucas décadas, o progresso entrou em choque com sua própria narrativa. Esse futuro do aprimoramento, melhor e imprevisível e em nome do qual se colonizou continentes, escravizou e dizimou populações, adquiriu um caráter contraditório à medida em que o que vem à frente parece sempre desenfreado, arriscado, perigoso, ameaçador. Seria possível concordar com Ulrich Beck (2015) quando diz que a "sociedade do risco" presentifica o futuro, com ações de prevenção que dominam o presente e são a comprovação mais concreta de que não há mais a ideia de um futuro melhor. Apenas o surgimento de novas tecnologias permitem conceber riscos que eram até pouco tempo invisíveis. A exclusividade do reconhecimento do risco faz com que o conhecimento científico alcance um patamar de poder social nunca antes experimentado, explica Beck (2015). Frente a esse papel de cientistas e do conhecimento na administração e visibilidade do risco, a imagem do futuro nas mãos e nas vozes da "nova direita" mundial é frequentemente uma negação da ciência das catástrofes. Por um lado, negam desastres ambientais como o aquecimento global ou o risco de agrotóxicos e, por outro lado, do Future-se na educação a declarações cotidianas sobre o "futuro do Brasil", o governo Bolsonaro não para de falar em futuro. Durante a campanha eleitoral, prometia garantir o direito ao futuro com duras políticas de segurança. Na ONU, afirmou que o futuro do Brasil estava sendo mudado a partir do combate ao socialismo.

Qual deslocamento da ideia de progresso, futuro e risco é possível encontrar nessas imagens da direita nacional e internacional? Como essa imagem é trabalhada e quais diálogos ela estabelece com a subjetividade de uma época marcada pela ameaça de crise e catástrofe mundial?

39 Mestranda da Universidade de Brasília. E-mail: letsoliva31@gmail.com

40. GLOBALITARISMO, MILITARIZAÇÃO E ENDOCOLONIZAÇÃO EM PAUL VIRILIO

Kaique Agostinetti (UnB) e
Tiago Quiroga (UnB)⁴⁰

Em sua segunda obra, *Essai sur L'Insécurité du Territoire*, o pensador e ensaísta francês Paul Virilio escreve sobre as condições geopolíticas nos contextos da reconstrução europeia e da Guerra Fria. Para o autor, a Segunda Guerra Mundial, a guerra total, engendrou uma situação de não-retorno, marcada pela emergência de uma nova batalha travada no terreno da economia cada vez mais militarizada e o desenvolvimento de armamentos atômicos, que levaram à instalação do regime do medo, à dissuasão nuclear. Segundo Virilio, assistia-se à passagem do estado de guerra total ao regime desconhecido da paz total, isto é, observa-se a emergência e expansão da paz inercial: a criação de um estado de sítio global gerido pelas duas potências nucleares e espaciais do período, os EUA e a URSS. Para ele, os acordos Nixon-Brejnev nos anos 1970 – que envolviam a cooperação para a utilização de satélites para vigilância e controle global – provam a instalação do regime planetário, descortinando a natureza meramente concorrencial da Guerra Fria. Se, no passado, a altura dos torreões indicava a extensão das posses senhoriais, agora, a altura dos satélites prova o novo imperialismo planetário, o Globalitarismo. Ao alcançar as bordas estratosféricas, o Globalitarismo forçou um engajamento: a paz inercial deslocou o empreendimento exocolonial para o interior dos territórios, para a instalação de um regime de fragmentação social. Origina-se aí um processo crescente de militarização do cotidiano que cede cada vez mais espaço para a atuação do exército em campos antes pertencentes à esfera civil.

Essa penetração dos militares no seio da sociedade podia ser vista nos países do terceiro mundo, que viviam sob o regime ditatoriais. Para Virilio, esses países não constituíam uma exceção senão a vanguarda daquilo que a Europa iria ou irá se tornar no Século XXI, configurando a Civilização do Exército, último estágio antes da verdadeira tecnocracia, o nascimento de um governo tecnológico automatizado. Em toda parte, observava-se a emergência de uma série de regulações que buscavam a administração do espaço e tempo humanos. As leis do Estado de Sítio, antes restritas aos territórios coloniais, eram agora aplicadas na Europa, nos EUA, tornando-se a norma do novo contexto global – o que pôde ser visto na repressão ao Maio de 1968 na França. Virilio enxergava aí a expressão de uma Endocolonização, uma entrada cada vez maior do poder militar na vida de todos. Análises que apontam para um passado já distante ou para um processo em funcionamento em nosso presente? A Endocolonização não terminou com a queda da URSS, mas se aprofundou e miniaturizou no ritmo das invenções nanotecnológicas, penetrando física e simbolicamente em nossos corpos, nossas mentes, nossas carnes, nossas células... Esse trabalho consiste em pensar a partir das ideias de Globalitarismo, Militarização e Endocolonização de Virilio as características do tempo presente.

⁴⁰ Doutorando da Universidade de Brasília | Professor na Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília. E-mail: kaiqueagostinetti@gmail.com | tagorj@terra.com.br

grupo de pesquisa
IMAGEM
TECNOLOGIA
SUBJETIVIDADE

<https://imagemtecnologiasubjetividade.home.blog/>
imagemtecnologiasubjetividade@gmail.com